



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Motivação para a prática de atividades de exploração na
natureza: as perceções de crianças e pais no contexto do
primeiro ciclo do ensino básico

Aurélio Nuno Peixoto Barreiros



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Aurélio Nuno Peixoto Barreiros

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Motivação para a prática de atividades de exploração na
natureza: as perceções de crianças e pais no contexto do
primeiro ciclo do ensino básico

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutor Francisco José Miranda Gonçalves
e coorientação
Doutor Fernando de Sousa Ferreira dos Santos

Maio de 2019

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é para mim uma das maiores conquistas, o ponto mais alto de um percurso que me deu muita satisfação percorrer, porque consegui obter um sonho, mas também porque vivi momentos únicos e conheci pessoas com as quais foi um privilégio contar. Vão ficar gravados para a vida toda. Amigos que nos dão palavras de coragem e que lutam para nos ver felizes são raros hoje em dia. Para tal tenho de tecer alguns agradecimentos a essas mesmas pessoas que contribuíram de um modo especial neste meu caminho.

Agradeço à minha querida esposa, pelos conselhos, pela confiança e pela força que me transmitiu ao longo da realização deste estudo investigativo, quando a energia e o negativismo se apoderaram de mim. Também por ser uma fonte inspiradora e estar sempre ao meu lado. Quando olhamos para o lado e vemos alguém que está sempre presente, uma pessoa que nunca nos deixa desanimar, só podemos estar gratos.

Agradeço aos meus filhotes pela ternura, todos os beijos e abraços que me deram em resposta ao meu mau-humor, a forma como foram capazes de transformar um dia árduo de trabalho num dia relaxante, deslumbrante e sempre positivo. Obrigado, meus Príncipes.

Esta escola ofereceu-me o contacto com aprendizagens únicas. Às minhas amigas e companheiras nesta jornada, a partilha, a sua boa companhia, os momentos de trabalho e de risada, o meu muito obrigado. Obrigado a todos os professores que me acompanharam durante a minha longa caminhada, em especial aos Professores Fernando Santos e Francisco Gonçalves por me aguentarem. Não me posso esquecer dos Professores Henrique Rodrigues, Gonçalo Marques e Francisco Trábulo, foram uns dos meus pilares e peças importantes na vigência de um olhar precioso e humano. A todos aqueles que me receberam nas escolas: as crianças, as suas famílias, as educadoras, as professoras, as auxiliares, também são pilares deste trabalho.

Muito obrigado a todos e um Bem-haja.

RESUMO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. Diversos estudos têm analisado os efeitos do bloco “Percursos na natureza” nas aprendizagens dos alunos no primeiro ciclo. Verifica-se a importância de integrar pais nestes estudos, pois são responsáveis pela qualidade da prática de percursos na natureza dos seus filhos. Assim, o estudo desenvolvido teve como objetivo analisar as percepções de crianças e pais em relação à motivação para a prática de atividades de exploração na natureza. Os participantes foram 105 alunos do primeiro ciclo do ensino básico de um Agrupamento de Escolas do Concelho de Viana do Castelo e 105 pais. Utilizou-se uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa), em que o instrumento de recolha de dados foi um inquérito por questionário que envolvia questões abertas e fechadas. Este questionário foi construído com o auxílio de um especialista na área de atividades de exploração na natureza e através de uma revisão da literatura. A motivação revelada pelos participantes para a prática de atividades de exploração da natureza deveu-se à possibilidade de (a) promover um estilo de vida ativo e (b) permitir interação com o património natural e histórico. Contudo, também foram referenciadas algumas preocupações e precauções, relacionadas com os incêndios, destruição da fauna e flora, consideradas barreiras para a prática. Assim, este estudo procura contribuir para uma melhor compreensão acerca das estratégias associadas à promoção da prática de atividades de exploração na natureza que podem ser utilizadas nos contextos. Verifica-se que não se aproveita todo o potencial existente neste bloco para proporcionar às crianças um melhor desempenho nas aulas EF. Assim, procurou-se realçar a importância deste bloco para a saúde, visando criar estilos de vida mais ativos, reforçando as componentes emocionais, cognitivas e motoras da aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Física, Família, Motivação, Percursos na natureza.

ABSTRACT

This report was carried out within the Supervised Teaching Practice (PES) II of the Master's Degree in Preschool and Primary Education. Several studies have analyzed the effects of outdoor activities in nature learning within primary school. It is crucial to include parents in this type of studies because they are responsible for engaging their children in outdoor activities. Therefore, this study aimed to analyze children's and parents' perceptions about their motivation to become involved within outdoor activities. A mixed-methods approach was used (qualitative and quantitative). The participants were 105 students involved in primary school from schools located in Viana do Castelo and 105 parents. Data were collected through a survey. The findings showed that participants motivation to engage in outdoor was based on: (a) the potential to foster a healthy lifestyle; and (b) and because it facilitates interactions with natural and historic elements. However, some concerns emerged as fires and destroying nature were considered potential hazards derived from outdoor activities. Hence, this study provides a better understanding about the strategies used to foster the engagement in outdoor activities in schools. We found that the potential of these activities is not being used to foster better motor performance in physical education. Thus, it is important to highlight the importance of this content for health, a healthy lifestyle and to develop emotional, cognitive and motor skills.

Keywords: Physical Education, Family, Motivation, Outdoor Activities

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
ÍNDICE	6
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	8
ÍNDICE DE ANEXOS.....	9
LISTA DE ABREVIATURAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO DA PES	13
1. Caraterização do contexto educativo do Ensino do pré-escolar.	14
1.1. Caraterização do meio local	14
1.2. Caracterização geral do contexto Educativo do Pré-Escolar.....	15
1.2.1. Caraterização da sala	16
1.2.2. Caraterização do grupo.....	17
1.3. Percurso de Intervenção Educativa no Pré-Escolar	18
2. Caraterização do contexto e educativo do ensino do 1º CEB	20
2.1. Caraterização do meio local	20
2.2. Caraterização do Contexto Educativo de 1º CEB.....	21
2.2.1. Caraterização da Sala de Aula	22
2.2.2 Caraterização da Turma	23
2.3 Percurso de Intervenção Educativa no 1º CEB	25
2.3.1 Áreas de Intervenção.....	26
CAPÍTULO II – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	30
3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	31
3.1 Pertinência do Estudo	31
3.2 Problema e questões de investigação	32
4. REVISÃO DE LITERATURA	33
4.1 A Importância e os benefícios associados à EF	33
4.2 A motivação das crianças para a prática atividades de exploração na natureza	37
4.3 Papel dos pais na promoção na prática de atividades de exploração na natureza	38

5. METODOLOGIA	40
5.1 Opções Metodológicas.....	40
5.2 Calendarização do estudo	42
5.3 Estrutura do estudo	43
5.4 Participantes	44
5.5 Recolha de dados.....	44
5.6 Questionário	45
5.7 Análise de dados	47
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
6.1 Atitudes face ao conceito e prática de Percursos Pedestres	48
6.2 Vantagens e constrangimentos na realização de Percursos Pedestres.....	56
6.3 Importância de normas e regras na realização de Percursos Pedestres	60
7. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NO BLOCO “PERCURSOS NA NATUREZA”	64
8. CONCLUSÕES	65
8.1 LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....	66
CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
ANEXOS	81

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Percepções dos participantes (Alunos) em relação aos percursos pedestres.....	48
Gráfico 2. Percepções dos participantes (Pais) em relação aos percursos pedestres	49
Gráfico 3. Importância dos percursos pedestres (Alunos)	50
Gráfico 4 - Importância dos percursos pedestres (Pais)	51
Gráfico 5 - Frequência na prática de percursos pedestres (Alunos).....	52
Gráfico 6 - Frequência na prática de percursos pedestres (Pais)	53
Gráfico 7 - Razões que levam à prática de percursos pedestres (Alunos)	54
Gráfico 8 - Razões que levam à prática de percursos pedestres (Pais).....	55
Gráfico 9 - Vantagens na realização de percursos pedestres (Alunos)	56
Gráfico 10 - Vantagens na realização dos percursos pedestres (Pais).....	57
Gráfico 11 - Desvantagens na realização de percursos pedestres (Alunos).....	58
Gráfico 12 - Desvantagens na realização de percursos pedestres (Pais)	59
Gráfico 13 - Importância de normas e regras na realização de percursos pedestres (Alunos).....	60
Gráfico 14 - Importância de normas e regras na realização de percursos pedestres (Pais)	61

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Pedido de autorização para a participação nesta investigação	82
Anexo 2 - Questionário	83
Anexo 3 - Idades e Sexo dos participantes (alunos)	86
Anexo 4 - Idades e Sexo dos participantes (pais)	87
Anexo 5 - Habilitações Literárias dos participantes (alunos)	88
Anexo 6 - Habilitações Literárias dos participantes (pais)	89
Anexo 7 - Agregado Familiar dos participantes (alunos e pais).....	90
Anexo 8 - Formação em percursos Pedestres, dos participantes (alunos e pais)	91

LISTA DE ABREVIATURAS

1º CEB – 1º Ciclo de Ensino Básico

EB – Educação Básica

EF – Educação Física

PES – Prática de Ensino Supervisionada

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. Assim a PES realizou-se durante 14 semanas, sendo que as três primeiras foram de observação, seguidas de 11 de implementação.

No que diz respeito à elaboração deste relatório, existiram várias etapas, sendo estas: a escolha do tema; o objetivo da investigação; a revisão da literatura; a recolha de dados através de questionários aos alunos e pais; assim como a análise e discussão dos resultados.

O estágio foi realizado numa turma do segundo ano, composta por 22 alunos. As primeiras semanas serviram para observar o trabalho desenvolvido pela professora cooperante, especificamente as estratégias, os métodos utilizados, a participação dos alunos e o clima existente. Desta forma, foi possível organizar e elaborar as planificações adequadas a esta turma. Estas planificações tiveram como foco o desenvolvimento de atividades de exploração da natureza, tendo sido considerado importante desenvolver um estudo sobre a motivação para a prática destas atividades.

O presente estudo incidiu na disciplina de educação física onde participaram todos os alunos do 1º CEB e seus pais.

O relatório encontra-se dividido em três capítulos, de forma a facilitar a compreensão da PES e do estudo.

O primeiro capítulo centra-se no enquadramento da PES, nas características do meio envolvente. Também se caracteriza o contexto educativo no ensino pré-escolar, as características próprias do meio em que está inserida a escola, assim como a turma em que decorreu o estudo.

O segundo capítulo dedica-se ao desenvolvimento do projeto de investigação, estando dividido em duas partes: o enquadramento teórico e a investigação realizada.

Inicialmente, é apresentada a pertinência do estudo, o problema e as questões de investigação.

De seguida, é abordada a revisão de literatura efetuada no âmbito da EF, da motivação e a importância de elaboração de percursos na natureza nas escolas do 1º CEB. Posteriormente, mencionam-se os aspetos referentes ao decorrer e resultados do estudo.

O terceiro capítulo é dedicado à reflexão final acerca da PES, sendo que procede-se a uma revisão e uma reflexão mais aprofundada dos últimos dois anos do curso, mas também da passagem pela licenciatura e das vivências retiradas deste período.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO DA PES

1. Caraterização do contexto educativo do Ensino do Pré-Escolar.

Neste capítulo apresenta-se a caracterização dos dois contextos educativos em que decorreu a PES.

A PES é uma unidade curricular anual e organizada em duas partes: no primeiro semestre, a intervenção educativa insere-se na educação pré-escolar, no segundo semestre desenvolve-se no ensino do 1º CEB.

Também neste capítulo se encontra a descrição dos meios envolventes, especificamente uma caraterização geral das escolas e dos grupos de crianças.

Para além do referido anteriormente, são referidas as áreas de intervenção, mencionando-se as aprendizagens e dificuldades existentes ao longo do processo.

1.1. Caraterização do meio local

O primeiro semestre da PES decorreu num centro escolar pertencente a uma freguesia do concelho e distrito de Viana do Castelo.

Situado numa zona essencialmente rural, o centro escolar comporta as valências de educação pré-escolar e ensino básico do primeiro CEB. No mesmo agrupamento existe ainda outra escola (EB 2/3), para os restantes níveis de ensino.

Caracterizando um pouco a identidade cultural da freguesia, realçam-se várias tradições seculares, sendo o ponto alto de uma dessas tradições a representação comunitária do célebre “Auto de Floripes”, que recorda a luta entre cristãos e muçulmanos, inseridos na história lendária do imperador Carlos Magno. No que diz respeito ao setor agrícola, a localidade possui terrenos agrícolas férteis que ainda são cultivados por cerca de 1/4 da população ativa. Produz-se uma variedade de bens tais como a batata, o milho, o vinho e hortícolas, em grande parte destinados ao autoconsumo, sendo o remanescente escoado através dos mercados regionais. No entanto, ultimamente, alguns jovens agricultores têm investido nas áreas da floricultura e horticultura, revelando empreendedorismo e sentido de futuro para o território.

O setor industrial e comercial são os principais responsáveis pela criação de emprego na freguesia, nomeadamente as unidades têxteis, de confeções e vestuário, as quais, nos últimos anos, têm investido em novas técnicas de produção.

Nas manufaturas, a carpintaria merece destaque particular pela conceção e realização de produtos artesanais, vindo a registar forte e diversificada procura.

Esta freguesia caracteriza-se, ainda, por ter várias associações culturais e desportivas visando a sua ação na promoção dos valores do humanismo e desenvolvimento sociocultural do meio. A nível de equipamentos desportivos existem um pavilhão polidesportivo, um campo de ténis e dois campos de jogos utilizados regularmente por associações desportivas desta freguesia e por alguns alunos deste centro escolar, fora do horário escolar.

No sector do turismo, esta freguesia possui um importante património edificado e locais históricos, envolvido no tradicional e na bela paisagem rural minhota, motivos suficientes para uma agradável e demorada visita na qual se pode usufruir das várias unidades de turismo de habitação existentes (Junta de freguesia de Mujães, 2018).

1.2. Caracterização geral do contexto Educativo do Pré-Escolar

O centro escolar em que decorreu a PES é uma instituição educativa de carácter público, pois depende diretamente do Ministério da Educação, da Equipa de Coordenação e Apoio às Escolas de Viana do Castelo e faz parte de um Agrupamento de Escolas do concelho de Viana do Castelo nos níveis Administrativo e Pedagógico.

Este centro escolar tem como papel principal a promoção do desenvolvimento pessoal e social da criança, alicerçando a sua pedagogia em experiências relacionadas com o quotidiano, visando uma educação para a cidadania, no exercício da liberdade, participação e respeito (Agrupamento de Barroselas, 2018).

Este também possibilita e potencia a igualdade de oportunidades no acesso à educação, visando o sucesso na aprendizagem e promovendo a interação escola-família-comunidade. O centro favorece e reconhece o direito dos encarregados de educação à escolha, orientação e condução do processo educativo e o dever do estado em apoiar e garantir o pleno exercício.

De forma idêntica, promove o desenvolvimento global da criança, atendendo e respeitando as suas características individuais, promovendo atividades educativas baseadas em experiências diversificadas e interações sociais mais alargadas (Agrupamento de Barroselas, 2018).

O centro escolar é constituído por dois pisos. No piso superior existem três salas de aula, a biblioteca, a sala de atendimento aos encarregados de educação, o gabinete médico e quatro casas de banho. No piso inferior há duas salas de aula, do pré-escolar, a sala de professores, duas casas de banho, uma despensa, a cantina, o espaço de televisão, um polivalente e os balneários.

No recinto exterior existe uma zona relvada, um local para cultivo de produtos hortícolas, uma pequena estufa de outro projeto de empreendedorismo e um campo de jogos. Estes espaços no exterior servem para as crianças cultivarem produtos hortícolas e a própria estufa serve para plantar flores e plantas medicinais. Também existem jogos desenhados no chão como “a macaca”, que serve para as crianças praticarem atividades motoras estruturadas.

1.2.1. Caraterização da sala

A sala de aula, de forma quadrangular, tem um espaço adequado ao número de crianças e está bem iluminada, arejada, sendo o pavimento não escorregadio e antichoque.

As dimensões da sala propiciam a sua divisão em áreas de trabalho bem definidas e devidamente assinaladas. Esta divisão do espaço compreende várias áreas: de reunião ou grande grupo, das construções e jogos de mesa, do faz de conta (cozinha e quartinho), áreas fundamentais de trabalho pedagógico em sala de aula, conforme os estudos de referência (Hohmann & Welkart, 2007).

Também existe um computador, quadro branco e mesas de trabalho em pequenos grupos ou individual, onde se concretizam experiências, trabalhos de culinária, expressão plástica, modelagem e ainda funciona como apoio aos projetos. A sala dispõe, ainda, de diversos brinquedos lúdicos e didáticos (jogos de encaixe, legos, puzzles, dominós), que ajudam a criança a expressar-se, a aprender e a libertar a sua imaginação e

conceitos da vida quotidiana (por exemplo: os carrinhos, as bonecas, o telefone, as panelas e loiças de cozinha, bem como objetos representativos de alimentação).

Para as atividades de expressão plástica, a sala tem reservado um espaço em que as crianças e a educadora têm acesso aos diversos materiais (lápis variados, marcadores, plasticina e utensílios de modelagem, estampagem, folhas brancas, tintas, pincéis, afia-lápis, etc.). Existem ainda cacifos individuais para recolha dos seus pertences.

Toda a organização pedagógica e didática dos materiais, assim como os recursos ao dispor dos alunos e equipas pedagógicas, encontram-se de acordo com a faixa etária da criança e os seus interesses descritos no modelo *High Scope* (Hohmann & Welkart, 2007).

1.2.2. Caraterização do grupo

O grupo em questão é composto por 18 crianças das quais, sete meninas e 11 meninos, contudo, no mês de outubro, uma deixou de aparecer, ficando um total de 17 crianças. As crianças são assíduas e pontuais. Quando faltam, justificam a ausência, que geralmente é por motivo de doença ou consulta médica. Este grupo é bastante heterogéneo, sendo constituído por crianças dos três aos cinco anos. De um modo mais detalhado existem cinco crianças de cinco anos, três de quatro anos e dez de três anos.

Apesar de se tratar de um grupo de proveniência maioritariamente rural, grande parte das crianças habita nesta freguesia, existindo diversidade no que se refere ao nível socioeconómico e agregado familiar.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo e motor, o grupo de cinco anos revela uma evolução cognitiva esperada para a idade e desenvolvimento expectável nesta faixa etária, verificando-se isto em todas as áreas de conteúdo. O mesmo acontece na EF, onde as crianças demonstram domínio de habilidades motoras básicas como correr, saltar e lançar. Este grupo apresenta crianças observadoras, participativas e manifestam interesse nas atividades, verificando-se entreajuda, principalmente na relação com os mais novos.

O grupo apresenta também grande curiosidade por atividades experimentais e por trabalho de campo, sendo de destacar a sua especial aptidão para atividades de descoberta do espaço envolvente.

As crianças demonstram conhecimento de regras e procuram cumpri-las. São crianças interessadas e atentas às atividades em todas as áreas de conteúdo. Este grupo de crianças não é conflituoso, aceita facilmente o que lhe é proposto e apresenta uma relação muito próxima com os adultos responsáveis e com os colegas. No entanto, detetaram-se diferenças no que respeita a ritmos de trabalho, níveis de desempenho e responsabilidade das crianças.

1.3. Percurso de Intervenção Educativa no Pré-Escolar

No âmbito da PES, numa primeira fase de observação, foi dada a oportunidade de observar seis sessões numa sala do pré-escolar, num centro escolar localizado no distrito de Viana do Castelo. Essas sessões foram relativas aos domínios da comunicação oral, da matemática, do conhecimento do mundo e expressões, lecionados pela educadora.

Posteriormente, numa segunda fase de intervenção, foram implementadas 12 sessões com as crianças da mesma sala.

No período de observação (seis sessões), tivemos a possibilidade de analisar a intervenção da educadora para melhor compreender o processo pedagógico. Para além desses aspetos, conseguiu-se ter uma noção acerca do modo como as crianças se comportavam e interagiam, individualmente e em grupo, assim como com a educadora, em situações de aprendizagem.

Na fase de implementação foram elaboradas e preparadas planificações referentes aos domínios da comunicação oral, matemática, conhecimento do mundo e expressão físico-motora, interligando atividades de grupo e individuais, de modo a proporcionar às crianças oportunidades de explorar diferentes vertentes, sempre com o intuito de partilharem experiências, adquirirem aprendizagens e trabalharem a cooperação. Estas atividades foram adequadas ao grupo de crianças com quem se iria trabalhar e, em especial, às suas características e conhecimentos individuais.

No que diz respeito ao domínio da Língua Portuguesa e Comunicação Oral, destaca-se o conto e o reconto de histórias, com o objetivo de desenvolver um sentido comunicacional próximo e a expressão oral criativa. Esta atividade de contar histórias e promover diálogos entre todas as crianças implicou questioná-las sobre o que mais

gostaram nas narrativas pedindo-se, no fim, para assumirem o papel de personagem principal e resolverem certo enigma (Silva, Mata & Rosa, 2016). Houve dificuldades ao nível do comportamento, da atenção e de dar oportunidade para o colega falar.

Já no domínio da Matemática, as crianças (a partir das vivências do dia a dia) vão naturalmente construindo noções matemáticas (Silva, Mata & Rosa, 2016). Neste domínio, foram dinamizadas atividades relacionadas com a contagem, potencializando a exploração do sentido de número e operações de aritmética elementar, através da verificação de objetos. As contagens de forma individual e em grupo foram bem aceites, no entanto, verificaram-se dificuldades de concentração e atenção.

Quanto à Área do Conhecimento do Mundo, (Silva, Mata & Rosa, 2016), a criança quando inicia a sua fase no pré-escolar, já apresenta alguns conhecimentos sobre o que a rodeia. Assim, o adulto, neste caso o educador, deve proporcionar à criança contato direto com o mundo, para que desenvolva uma aprendizagem sensorial, logo, foram desenvolvidas atividades sobre a reciclagem e a valorização de recursos naturais, sempre numa lógica de cidadania ambiental, e também sobre elementos do passado do meio local, estimulando o sentido de posse e de identidade.

A um nível mais abrangente, Pozo e Crespo (2001), citados por Peixoto (2008), defendem que a aprendizagem das ciências deverá ter como objetivo dar sentido ao mundo que rodeia as crianças, sendo que a ação da educadora deverá considerar os contextos envolvidos, a forma como as atividades estão organizadas e podem ser exploradas, tendo o cuidado de as adequar ao nível de desenvolvimento da criança.

Segundo Silva, Mata e Rosa (2016), no domínio da EF, referem que “A EF, no jardim-de-infância, deverá proporcionar experiências e oportunidades desafiantes e diversificadas, em que a criança aprende a conhecer e a usar melhor o seu corpo, criando uma imagem favorável de si mesma. Participar em formas de cooperação e competição saudável, seguir regras para agir em conjunto, organizar-se para atingir um fim comum aceitando e ultrapassando as dificuldades e os insucessos” (p. 43). A maioria do grupo era capaz de realizar diversas habilidades, como correr, andar, saltar, contudo, apresentava algumas dificuldades particularmente nas habilidades manipuladoras e posturais. Assim, foram executados maioritariamente jogos como, o camaleão, o rabo da raposa, polícias e

ladrões entre outros, estimulando a aprendizagem colaborativa de forma integradora, favorecendo a descoberta do corpo e do espaço. Em geral, as dificuldades sentidas em todos os domínios prenderam-se com o estar atento e quieto no lugar, dar oportunidade ao colega e, acima de tudo, respeitar os educadores.

Finalmente, salienta-se que, durante as sessões, foi desenvolvido com as crianças um projeto de empreendedorismo, “A Casa das Cores”, com as crianças, com o objetivo de desenvolver as capacidades empreendedoras. A educação empreendedora fortalece “as capacidades de ter e partilhar ideias, de comunicar, de identificar necessidades, de resolver problemas, de trabalhar com os outros, de agregar colaboradores, de enfrentar desafios, de persistir, de resistir aos desaires, de fechar ciclos de trabalho, de ter estados de espírito positivos, de aproveitar oportunidades e de criar valor” (Fonseca, et al., 2015, p. 287).

2. Caraterização do contexto e educativo do ensino do 1º CEB

2.1. Caraterização do meio local

O contexto educativo onde se realizou a PES II está localizado numa freguesia do concelho de Viana do Castelo. Segundo os Censos 2011, esta freguesia ocupa uma área de 7,47 km² e é habitada por cerca de 3920 habitantes, INE (2011).

É uma freguesia que dispõe de boas infraestruturas, de centro de saúde, de jardim de infância, de centro escolar, de escola profissional (IEFP), de algum comércio, servindo também as pessoas que habitam nas freguesias vizinhas.

Especificamente, como principais atividades económicas, destacam-se a serralharia, a metalomecânica, a transformação de madeira, a indústria têxtil, a construção civil, o comércio e a pequena agricultura.

Esta freguesia tem pontos de atração turística, de interesse cultural e religioso como igrejas, cruzeiros, alminhas, ponte românica e praia fluvial. Beneficia ainda de algumas coletividades: Grupo Folclórico, Associação Cultural e Desportiva, Grupo de bombos.

É de salientar que é uma freguesia com tradição no artesanato artefactos em madeira, bordados e tecelagem (Junta de Freguesia de Santa Marta do Portuzelo, 2018).

2.2. Caracterização do Contexto Educativo de 1º CEB

O segundo semestre da PES decorreu no contexto do 1º CEB, num centro escolar pertencente a uma freguesia situada no concelho de Viana do Castelo. Está inserido num agrupamento com sede na escola básica e secundária. O agrupamento inclui diferentes níveis de ensino, desde o pré-escolar ao ensino secundário. Este detém ótimas condições de trabalho, tanto ao nível de instalações físicas e materiais, como de pessoal docente e não docente.

O Agrupamento suporta três valências, um centro escolar numa freguesia vizinha, três escolas EB1/JI, um jardim-de-infância e uma escola básica e secundária.

O centro escolar no qual se realizou o estágio e o estudo, foi construído há sete anos e é constituído por dois pisos, que se encontram em bom estado de conservação, pois foi reestruturado recentemente, possuindo aquecimento central.

No rés do chão existem a cozinha, o refeitório, a biblioteca, o polivalente, a sala dos professores, o gabinete médico, uma sala utilizada pelo projeto “Turma +”, aulas de 90 minutos (uma vez por semana) com os alunos que têm melhor aproveitamento, a sala do jardim de infância, uma despensa, uma sala para as assistentes operacionais e uma exposição permanente na entrada do centro escolar, com móveis escolares (secretárias e bancos) antigos. No primeiro piso, encontram-se as salas de aula do 1º CEB, uma sala de reuniões e duas salas de arrumos e as instalações sanitárias para professores e alunos. Para além disso, os dois pisos possuem vários quadros de corticite para afixação de avisos, ementa mensal e trabalhos dos alunos.

No que diz respeito ao espaço exterior, este centro escolar caracteriza-se por ter de um lado um campo de jogos com piso em cimento e, do outro lado, uma estrutura com baloiços e escorrega para as crianças do jardim de infância. É de salientar que este estabelecimento é vedado com um muro anexado e uma grade intransponível.

No ano letivo de 2016/2017, o centro escolar recebeu um grupo do jardim de infância, uma turma do primeiro ano, duas turmas do segundo ano, uma turma do terceiro ano, uma turma mista com terceiro e quarto ano, e uma turma do quarto ano de escolaridade.

O centro escolar possibilita a igualdade de oportunidades no acesso à escola, visando o sucesso na aprendizagem e promovendo a interação escola-família-comunidade. Também auxilia e aceita o direito dos encarregados de educação à sua escolha, na orientação e condução do processo educativo, isto é, o dever do estado em apoiar e garantir o pleno exercício desse direito.

Outro papel fundamental deste centro escolar é promover o desenvolvimento global da criança, refletindo e respeitando as suas características individuais, preparando atividades educativas baseadas em experiências diversificadas e atualizadas.

Quanto ao período de funcionamento, este centro abre no período da manhã, sendo que a escola do 1º CEB abre por volta das oito horas para receber os alunos, tendo nesse momento, a Componente de Apoio à Família.

As atividades letivas decorrem no período das 9 horas às 16 horas. Contudo, há intervalos entre as várias componentes letivas das 10 horas e 30 minutos às 11 horas, das 12 horas e 30 minutos às 14 horas. Findada a atividade letiva diária, a escola tem Atividades de Enriquecimento Curricular até às 17 horas e 30 minutos.

No que respeita aos recursos humanos, o estabelecimento tem ainda, para além dos professores e auxiliares, uma assistente operacional que dá apoio às várias salas de aula. Para além disso, todas as semanas é destacada uma professora de apoio, para prestar auxílio individualizado a determinados alunos que estão referenciados com Necessidades Educativas Especiais.

2.2.1. Caraterização da Sala de Aula

O acesso à sala de aula localizada no primeiro piso é feito através de escadas, que possuem uma plataforma elevatória para utilizadores de cadeira de rodas.

A sala da turma dispõe de um quadro branco, um quadro interativo e projetor instalados quase no fim do ano letivo, como não foi instalado computador na sala, o projetor não era muito utilizado.

Dispõe ainda de armários, uma banca com água corrente, uma mesa para cada par de alunos, a secretária do professor, um móvel com gavetas para arrumação, dois caixotes do lixo e ecopontos, uma parede com quadro de corticite a todo o comprimento e uma parede toda envidraçada com quatro janelas.

As dimensões da sala são adequadas à turma e permitem várias formas de organização das mesas. No início, a professora cooperante tinha as mesas em forma de U ao centro mas, com o aproximar das provas de avaliação trimestral e com as provas de aferição do segundo ano, foi necessário separá-las.

Um aspeto negativo é o arejamento da sala nos meses de maior calor (abril, maio e junho), apesar de uma parede ser toda em vidro, só nas extremidades é que as janelas abrem não sendo o suficiente para arejar e refrescar.

2.2.2 Caraterização da Turma

A turma do segundo ano com a qual se desenvolveu a PES II, era constituída por 22 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, sendo que 17 transitaram da turma do ano anterior. Dos cinco novos elementos, três alunos vieram transferidos de outros estabelecimentos de ensino e dois ficaram retidos. Os dois alunos retidos que frequentaram o segundo ano pela segunda vez são crianças com Necessidades Educativas Especiais. Os cinco elementos novos encontravam-se perfeitamente integrados na turma no momento da PES, sendo impossível diferenciá-los dos restantes colegas.

Relativamente ao comportamento em sala de aula, a turma caracteriza-se por ser muito conversadora e, por vezes, era necessário a professora relembrar as regras.

Quanto às aprendizagens dos alunos, destacam-se dois casos em particular que se encontravam ao nível do primeiro ano de escolaridade. Os dois alunos sentiam dificuldades em todas as áreas, exceto nas expressões e em EF; realizavam todas as tarefas e atividades em conjunto com os colegas, exceto em Português, cujos trabalhos realizados abordavam conceitos do primeiro ano de escolaridade.

Além dos alunos referenciados com dificuldades, a professora cooperante informou o par pedagógico da dificuldade de leitura e escrita de duas alunas.

Os alunos são crianças que demonstram gosto generalizado pela escola e por novas aprendizagens, estabelecendo um bom relacionamento com a professora e com os restantes adultos.

No que diz respeito ao nível das habilitações literárias dos pais, verificou-se que há uma enorme variedade, pois vão desde o 1º CEB à licenciatura, quatro pais são licenciados e a maioria possui pelo menos o 3º CEB.

Quanto ao estrato social dos alunos, pode dizer-se que estes se situam nas classes média e média-baixa, tendo boas condições familiares. Os pais trabalham maioritariamente por conta de outrem, apenas sete são trabalhadores independentes.

As principais atividades económicas exercidas inserem-se na área da construção civil, da indústria, do comércio, dos serviços e da educação.

Quanto à caracterização do grupo de alunos, refira-se a elevada necessidade de desenvolver valores com este grupo, a fim de estes se tornarem cidadãos mais sensíveis às necessidades dos outros.

Também no contexto de sala de aula, foi possível verificar que alguns alunos com mais capacidades, sentiam dificuldades em colaborar com os colegas que apresentavam dificuldades. Para combater este problema foram usadas estratégias com o objetivo de promover a cooperação. Por exemplo, os alunos que terminavam primeiro uma dada tarefa, tinham como prémio ajudar os alunos com mais dificuldades.

No que diz respeito ao nível de aprendizagem, a turma caracteriza-se por ser heterogénea nas disciplinas de Português, Matemática e Estudo do Meio, tanto ao nível do aproveitamento, como ao ritmo de trabalho e empenho. Esta afirmação baseia-se no facto de metade da turma ter um aproveitamento muito bom a todas as áreas curriculares, trabalhando autonomamente, sem necessitar de grandes esclarecimentos por parte da professora e demonstrando interesse em adquirir novos conhecimentos e participar ativamente nas aulas; em paralelo, a outra metade tem um aproveitamento suficiente; nas áreas do Português e da Matemática apresentando bastantes dificuldades de aprendizagem e em trabalhar de forma autónoma, necessitando continuamente de

esclarecimentos e estímulos positivos por parte da professora para que concluas as tarefas.

Após observação das aulas, verificou-se que as disciplinas que mais originavam o interesse da turma eram o Estudo do Meio e a EF, porque são áreas que privilegiam à realização de aulas mais dinâmicas e que implicam interação.

2.3 Percorso de Intervenção Educativa no 1º CEB

A PES II, componente do mestrado em ensino do pré-escolar e 1º CEB, realizou-se num centro escolar localizado ao lado do rio Lima, (concelho e distrito de Viana do Castelo) e numa turma do segundo ano. Desenvolveu-se durante 14 semanas, sendo três de observação e 11 de implementação, alternadas com o par pedagógico. Duas destas foram regências com semanas completas e a última semana de regência foi realizada em conjunto.

Durante as nove sessões de observação foi possível analisar os alunos para melhor compreender o processo pedagógico, avaliar comportamentos, atitudes, situações de aprendizagens, conhecer a turma e obter um melhor conhecimento da personalidade dos alunos e das suas dificuldades.

Também durante as três semanas de observação, existiram oportunidades de participar em algumas atividades promovidas pela professora cooperante, sendo possível começar a interagir com os alunos, de forma a gerar mais confiança entre todos.

No período de elaboração das planificações para a turma de estágio, abordaram-se todas as áreas curriculares: Matemática, Português, Estudo do Meio e Expressões, principalmente a EF, interligando atividades de cariz coletivo e individual, para que os alunos tivessem oportunidade de explorar diferentes vertentes, sempre com o objetivo de partilha de experiências, aprendizagens e de cooperação.

Para a implementação escolheram-se atividades consideradas adequadas ao grupo de alunos e às suas características e conhecimentos individuais.

2.3.1 Áreas de Intervenção

Todas as sessões foram previamente analisadas pormenorizadamente e discutidas com a professora cooperante ao nível dos conteúdos programáticos nas três áreas a lecionar: Português, Estudo do Meio e Matemática.

No que respeita às Expressões (plástica, dramática e EF), a professora cooperante, após reunir com os estagiários, promoveu a apresentação de propostas e abordagens que pudessem ser desenvolvidas neste contexto. A expressão musical não era lecionada, uma vez que a escola estava inserida num projeto promovido pela Academia de Música de Viana do Castelo.

Em relação à Matemática, no domínio dos números e operações, os alunos resolveram problemas utilizando o sentido combinatório e estruturaram o seu pensamento na resolução de problemas, envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, completar e comparar.

Também foi proporcionada uma aula de educação financeira, em que foram apresentadas várias notas e moedas de vários países e diferentes valores, aproveitando para efetuar contagens de dinheiro envolvendo números até 100, apenas em Euros (€) e cêntimos. Esta temática está inserida no programa de Matemática do ensino básico, no domínio geometria e medida, que nos diz, “No 1º CEB, é fundamental desenvolver: a compreensão das grandezas dinheiro, comprimento, massa, capacidade, volume e tempo (Ministério da Educação e Ciência, 2016, p. 15).

Ao nível do Português foram explorados diferentes domínios: no âmbito da educação literária os alunos praticaram a fluência e a correção da leitura (primeiro em voz baixa e depois em voz alta) bem como a descoberta de novos vocábulos através do uso do dicionário e trabalhando as obras “O Elefante Cor-de Rosa”, de Luísa da Costa, e “Hipólito, O Filantropo”, de Eric Many.

Segundo o Ministério da Educação e Ciência (2016), no domínio da leitura e escrita, os alunos eram capazes de escrever palavras a partir de informações dadas, identificando e aplicando a sua estrutura.

No domínio da oralidade respondiam perguntas de interpretação literal e inferencial, de acordo com os textos lidos. Produziram discursos com a finalidade de debater ideias, apresentando os prós e contras de uma determinada posição e respeitaram regras da interação discursiva, aplicando diferentes formas de tratamento.

Também, ainda neste domínio, aprenderam a trabalhar a leitura em grupo e individual.

Durante estas atividades, os alunos, sentiram dificuldades em expressar opiniões em grupo. Para tal, foi necessário definir estratégias para que as aulas funcionassem, proporcionando oportunidades para todos darem a sua opinião.

Quanto à leitura, os alunos liam primeiro individualmente e, após responderem a questões sobre determinado texto, partia-se para a leitura em grupo e em voz alta.

No Ministério da Educação e Ciência (2016), ao nível do domínio do Estudo do Meio, trabalharam-se diferentes blocos: o Bloco 2 - À descoberta dos outros e das instituições e Bloco 3 - À descoberta do ambiente natural.

No primeiro bloco colocou-se uma maquete com diferentes Instituições e Associações e realizou-se um jogo interativo sobre “Quem é Quem?”.

Com este jogo os alunos aprenderam as características principais das instituições que nos rodeiam e com as quais nos deparamos no dia a dia, como, por exemplo, hospital, centro de saúde, farmácia, polícia, bombeiros, escola, teatro, escuteiros, grupo folclórico.

Também se efetuou uma visita de estudo ao museu dos transportes-autocarros, que continha um núcleo etnográfico de trajes antigos no Santinho, em Darque, Viana do Castelo. Esta visita foi importante para os alunos ficarem a conhecer as várias características e categorias de transportes, principalmente de autocarros antigos. Também observaram trajes antigos relacionados essencialmente com a história do traje Vianense.

Por fim, assistiram a um vídeo sobre a evolução de alguns transportes, como a bicicleta e o automóvel. Com este vídeo aprenderam que a bicicleta e o automóvel não foram sempre como são atualmente, foram evoluindo com o passar do tempo.

No segundo bloco, os alunos trabalharam o subdomínio dos animais selvagens, animais domésticos e as suas características no ambiente. Para tal, foi desenvolvida uma atividade em que se colocou uma caixa-mistério ao centro da sala de aula e os alunos, à vez, iam retirando um boneco, em forma de animal e respondiam às questões, sobre as suas principais características: revestimento, composição e classes.

No Ministério da Educação e Ciência (2016), as várias Expressões, não foram trabalhadas com a mesma frequência, pois teve-se em conta o gosto dos alunos e a sua preferência relativamente às áreas da expressão plástica e da EF.

Relativamente à expressão plástica foram dinamizadas diversas atividades, envolvendo, essencialmente, o desenvolvimento de aptidões básicas como a pintura, o recorte, o desenho e a colagem, entre outras. Nesta área foram trabalhados dois blocos: Bloco 1 - descoberta e organização progressiva de volumes: construções; Bloco 2 - descoberta e organização progressiva de superfícies: desenho, Bloco 3 - exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem. No Bloco 1, aprenderam a fazer um coelho da Páscoa; no Bloco 2 a atividade foi fazer um desenho livre, no Bloco 3 a atividade consistiu em construir cravos, para a comemoração do feriado nacional do 25 de abril.

A expressão musical, como já referido anteriormente, foi a área menos trabalhada. Contudo, foi explorado e trabalhado o Bloco 1 - jogos de exploração: vozes.

Neste bloco foi feita uma intervenção com acompanhamento de guitarra, no qual os alunos foram ensaiados para apresentar, a todo o centro escolar, uma canção alusiva às comemorações do dia 25 de abril: “Somos Livres”, da autora Ermelinda Duarte.

Por fim, perante o Ministério da Educação e Ciência da EF (2016, p. 59), a EF foi a disciplina mais trabalhada através de vários blocos, especificamente o Bloco 7 – Percursos na Natureza.

Segundo Vidal e Madeira (2001), devem selecionar-se e concretizar-se habilidades de acordo com os percursos na natureza, que tenham bons sinais de orientação em relação às características do terreno, e colaborar com os colegas, respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.

Para o segundo ano, em específico, deve concretizar-se um percurso na natureza (mata, bosque, montanha, etc.), com o acompanhamento de um adulto, o professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc., mantendo a percepção da direção do ponto de partida e indicando-a quando solicitado (Vidal & Madeira, 2001).

As crianças aprenderam a utilizar termos, tais como: lateralidade, orientação, caminhada, percurso pedestre, localização geográfica. Também foram dinamizadas aulas com a pretensão de que os alunos cooperassem entre si nos jogos e exercícios. Foram aplicadas regras combinadas com a turma, de modo a elevar as suas capacidades motoras e a criarem regras para um jogo, verificando a sua adequação.

Ao longo da implementação, foi possível os alunos participarem em várias atividades promotoras da leitura, organizadas pela escola, como a “Semana da Leitura”, dedicada à apresentação de várias obras por parte dos alunos de cada uma das turmas, ida à rádio Geice FM, e a visita de alguns autores com o intuito de dar a conhecer as suas obras. Houve, ainda, a oportunidade de assistir à apresentação de algumas peças de teatro infantil, promovidas por uma equipa da biblioteca municipal. Foi possível, também efetuar (como já foi mencionado) uma visita de estudo ao museu dos transportes, autocarros e trajes no Santinho em Darque.

Para além destes projetos houve a participação em três festas: a Festa de Carnaval, com a realização de um desfile por toda a vila, com todos os alunos do agrupamento do centro escolar; a festa de comemoração do “25 de Abril”, e a festa de final do ano, na qual houve uma participação conjunta de todo o centro escolar.

CAPÍTULO II – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo apresentam-se a pertinência do estudo, a definição do problema, os objetivos de investigação e ainda a revisão da literatura. A seguir, aborda-se a metodologia, e, por último, são expostas as conclusões e limitações do estudo.

3.1 Pertinência do Estudo

No dia a dia é urgente e necessário promover mudanças profundas e progressivas nos valores e atitudes dominantes da sociedade atual, com o intuito de construir um estilo de vida saudável como sublinham Caribe e Meira (2004).

Assim, de acordo com o Decreto-lei n.º 95/91, de 26 de fevereiro, do Regime Jurídico da EF e do Desporto Escolar (2004), sublinha-se a importância da EF e da prática desportiva em contexto escolar como essencial para o desenvolvimento integral de crianças e jovens.

Tendo em conta a perspetiva anterior, e de acordo com Carvalhal, Fonseca, Rodrigues e Coelho (2012), “Hoje em dia, as crianças apresentam estilos de vida sedentários, uma prática reduzida de exercício físico e uma alimentação pouco saudável, comportamentos que tendem a acentuar-se na adolescência” (p.33).

Por conseguinte, é de realçar o papel primordial da EF na saúde e no desenvolvimento harmonioso de crianças e jovens, potenciando a sua qualidade de vida.

Outro dos pontos importantes é o contributo benéfico da EF para a aprendizagem de regras, competição saudável, de valores, da responsabilidade e do espírito de equipa, bem como e do esforço para atingir as metas desejadas.

Na ótica de Caribe e Meira (2004, p.10), a EF terá de ser capaz de suscitar mudanças nas mentalidades, atitudes, saberes, condutas das crianças contribuindo para uma melhor qualidade de vida e bem-estar físico e psicológico.

A temática da motivação para a prática de percursos na natureza foi escolhida em virtude de ser uma área ideal à exploração do espaço natural envolvente, da realidade local e desenvolvimento de competências motoras.

Este trabalho centrou-se na importância da motivação para a prática de atividades de exploração natureza, de modo a analisar a valorização dada por crianças e pais a este bloco de matéria. Outra das necessidades a ter em conta é alertar os alunos para alguns aspetos negativos associados a atividades nos percursos pedestres na natureza, como a destruição do meio ambiente, perda e desorientação, e problemas de saúde.

O desenvolvimento da prática de atividades em percursos na natureza tem sido uma forma de ajudar a preservar a natureza, o património histórico e cultural, assim como facilita o desenvolvimento económico desses espaços.

Não obstante, é de referir que, ao nível de publicações científicas, a temática de percursos na natureza não tem merecido muita atenção, pelo que o estudo deste tema é essencial.

Perante os argumentos acima mencionados, é de realçar que há uma valorização crescente da prática de percursos pedestres na natureza e na EF dos alunos do 1º CEB, devendo a motivação adquirir um lugar de destaque no contexto educacional, sendo de grande necessidade o seu desenvolvimento numa abordagem interdisciplinar.

3.2 Problema e questões de investigação

Este estudo tem como objetivo principal analisar as perceções de crianças e dos seus pais em relação à motivação para a prática de atividades de exploração na natureza.

De forma a dar resposta a este objetivo e responder ao problema em estudo, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

- Quais são as perceções dos alunos em relação à motivação para a prática de percursos na natureza?

- Quais são as perceções dos pais em relação à motivação para a prática de percursos na natureza?

4. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta secção apresenta-se a bibliografia que auxiliou a concretização deste estudo de investigação. Também se refletem ideias de diferentes autores acerca da importância da EF, especificamente no bloco atividades de exploração na natureza e os seus benefícios, entre os quais o pedestrianismo e a orientação.

4.1 A Importância e os benefícios associados à EF

Para Justino e Paulino (1996) a EF é no seu aspeto mais global, uma prática em movimento, isto é, uma ação planeada e estruturada que pode envolver diversos tipos de atividades como a dança, jogos coletivos e atividades de exploração da natureza. Para um desenvolvimento normal e integral do corpo, torna-se indispensável estímulos sistematicamente presentes ao longo do tempo, pois todo o ser humano inativo está mais exposto ao aparecimento de lesões e/ou doenças.

Segundo Paim e Pereira (2004), também é através da EF que se podem controlar os diversos progressos atingidos cujos benefícios serão úteis ao longo da vida, a mesma contribuindo para a criação de hábitos e comportamentos que interferem no desenvolvimento físico, mental, moral e social. De igual forma, a EF pode proporcionar momentos de satisfação e prazer aquando da prática desportiva, outrossim facilitando o desempenho motor de tarefas individuais e em grupo, onde se aprende a conviver em grupo, a cooperar com os outros, a respeitar e porventura criar grandes amizades.

Segundo Quilez (2007), as atividades de exploração da natureza concentram-se num conjunto de conhecimentos, habilidades, destrezas, técnicas e recursos, que permitem fortalecer a prática de atividades físicas lúdico-desportivas na natureza, com segurança e com o máximo de respeito pela conservação, partilhando com ela. A natureza é o local mais saudável para a prática desportiva, abrangendo um leque diversificado de modalidades.

Tendo em conta a ideia anterior, saliente-se que a EF na escola tem um papel fundamental ao proporcionar o acesso às diferentes demonstrações desportivas das crianças e jovens.

É imperativo descortinar novas formas de despertar o interesse dos jovens para estas práticas saudáveis. Assim, Paim e Pereira (2004) salientam a importância da motivação dos alunos para a participação nas aulas EF.

Nesta perspectiva, o conhecimento sobre os fatores que atraem e afastam os alunos das aulas de EF devem fazer parte das preocupações dos professores. Em concreto: “motivar os alunos é uma forma de ajudá-los a desenvolver as suas capacidades, tanto as físicas, motoras, cognitivas, afetivas, comunicacionais e psíquicas” (Paim & Pereira, 2004, p. 159).

Tendo por base esse ponto de vista preconizamos que o papel do professor na EF (como nas outras áreas da educação) é fulcral, convertendo-se num dos fatores relevantes no progresso da vida escolar dos alunos. Ao longo da caminhada escolar, este vai influenciar o desenvolvimento, tanto cognitivo, como motor e pessoal dos discentes, deixando a sua “marca” (positiva ou negativa) em cada um deles.

Assumindo a tese de que existem “diversos tipos de professores”, segundo Libâneo (2007) estes podem classificar-se em duas categorias: os mais “tradicionais” e os “progressistas”.

Quanto à primeira tipologia, estes são vistos como aqueles em que a sua preocupação consiste em transmitir aos alunos competências, sendo que o processo de ensino é centrado no professor e não tanto na motivação do aluno. Já a segunda tipologia relaciona-se com o facto dos professores serem os que se preocupam mais em diversificar os materiais, encontrar diferentes estratégias e métodos de forma a fazer a matéria mais apelativa e próxima dos alunos, centrar-se nas características dos alunos e no seu progresso: “um aluno com aprendizagem de qualidade é aquele que desenvolve o raciocínio próprio, que relaciona conceitos e aplica conhecimentos novos, tanto dentro como fora da sala de aula” (Libâneo, 2007, p.72).

Ainda relacionado com o papel do professor, é de salientar que estes devem ser capazes de proporcionar ao aluno uma base fundamentada para que o mesmo seja capaz de criar e construir as suas próprias ideias.

Em concreto, segundo Gari e Silverman (2009), os alunos não estarão a ser preparados adequadamente para estar envolvidas na prática de atividades desportivas no fim do seu percurso escolar. Na verdade, os professores, na maioria das vezes, não conseguem proporcionar aos alunos, por diferentes motivos, aulas envolventes, a fim de os motivar para a aprendizagem.

Após o reconhecimento de que os alunos têm de ser motivados para demonstrar interesse e disposição para aprender, com o intuito de serem envolvidos e compreenderem os conteúdos, os professores acabam por preocupar-se mais com o aumento da motivação dos mesmos (Hayden, 2012).

Com o objetivo de apoiar a aprendizagem dos alunos e acreditar que os estudantes sejam capazes de aprender fora da sala de aula, os professores de EF devem ser capazes de nomear e transpor algumas práticas para fora da comunidade escolar.

Além disso, Hayden (2012) acrescenta que os alunos que recebem instruções ao ar livre estão mais motivados para aprender em comparação com os que são expostos a um formato tradicional de sessão. Logo, a educação ao ar livre, para além de tornar o aluno motivado e empenhado, também pode ajudar na conquista e no aumento de bons resultados, acrescentar variedade de ensino e aprendizagem, aumentar a prática do trabalho de equipa e habilidade de comunicação.

As atividades educativas requerem a prática de habilidades de pensamento e de processamento, tais como a observação, a memorização e a medição. Neste sentido, a grande finalidade deste tipo de tarefas centra-se em três grandes dimensões: promover o conhecimento e a preocupação pelo ambiente, facilitar o crescimento pessoal através de problemas, desafios e aventuras, e centrar-se no aumento da compreensão geral (Jorge, Paixão, Heitor & Taborda, 2015).

Jorge et al. (2015) assumem que “A educação em espaços não formais articulada com o trabalho em sala de aula pode favorecer aprendizagens de âmbito curricular e, simultaneamente, maior motivação e cooperação na realização de atividades” (p. 95). Os próprios acrescentam que “atividades na natureza” é o termo que identifica qualquer prática de atividade física aos mais diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos desportos tradicionais em ambientes fechados, tais

como as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento, expressam o contato efetivo com tudo que está relacionado à natureza.

É de extrema relevância realçar a existência de inúmeros termos que pretendem significar e caracterizar essas práticas como, por exemplo, pedestrianismo, os desportos de aventura, as atividades outdoor, os desportos radicais, as atividades físicas de aventura, entre outros.

O termo pedestrianismo, segundo a Portaria n.º 1465/2004, de 17 de dezembro, art.º 13 (2004, p. 7164), é a “atividade de percorrer distâncias a pé, na natureza, em que intervêm aspetos turísticos, culturais e ambientais, desenvolvendo-se normalmente por caminhos bem definidos, sinalizados com marcas e códigos internacionalmente aceites”.

Também segundo Cuiça (2009), o pedestrianismo é definido como a atividade de andar a pé, em montanhas ou em outros locais naturais, por caminhos mais ou menos bem definidos, marcados ou não. Mas, preferencialmente, é realizado no seio da natureza e, habitualmente, em caminhos antigos e tradicionais, no entanto, também pode ser praticado em meios urbanos.

O Instituto Português do Desporto e da Juventude (2012), diz-nos que este conceito em questão é "um desporto de natureza" regulado pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. Todos os percursos são realizados em plena natureza, geralmente em propriedade pública, acessível a qualquer pessoa. Com isto, pode dizer-se que o pedestrianismo é uma atividade física acessível a qualquer pessoa, não exigindo equipamento sofisticado ou material técnico específico e reúne os benefícios das atividades físicas desenvolvidas no meio natural. Da mesma forma, o pedestrianismo influencia a conservação e proteção do meio rural, cujas pessoas e modos de vida são o património mais importante e promove o contacto com a natureza, sem a destruir ou alterar, apenas admirar (Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, 2009).

No que diz respeito à orientação, Quilez (2007) afirma que os conteúdos relativos à orientação se planeiam desde a dupla vertente da orientação do corpo e o espaço circundante da criança, com vista à estruturação do seu espaço de ação e à orientação

como conteúdo das ciências geográficas, com materiais (bússolas e mapas) e aplicações específicas.

Vidal e Madeira (2001) apontam que orientar um mapa consiste em determinar o posicionamento relativo do aluno face aos referenciais, ou seja, é fazer coincidir o mapa com a realidade. Saber executar corretamente a orientação de um mapa é uma das destrezas essenciais da prática da orientação, (p.42).

4.2 A motivação das crianças para a prática de atividades de exploração na natureza

Segundo Berleze, Vieira e Krebs (2002), o comportamento humano é movido por necessidades, interesses e estímulos vindos do meio ambiente, isto é, uma pessoa motivada a realizar certa atividade poderá ter mudanças na compreensão da aprendizagem e do seu desempenho nas atividades de EF. Tendo em conta esses factos, é importante que haja mais estudos sobre a motivação para as aulas de EF.

Comparativamente à ideia de Berleze et al. (2002), Rocha (2009), menciona que a motivação se refere aos motivos ou causas, que determinam um certo tipo de conduta. A palavra motivação vem do verbo latino “movere”, sendo a motivação uma força que coloca a pessoa em ação. É aquilo que faz mover, que leva a agir e a realizar alguma coisa.

Logo, pode dizer-se que motivar significa predispor-se a um comportamento desejado para determinado fim. No entanto, a motivação é fundamentalmente um aspeto que pode originar maior satisfação.

Tendo por base as ideias apresentadas anteriormente, o professor de EF deve procurar motivar o aluno, sendo determinante para a adesão à prática (Rocha, 2009).

De acordo com Alves, Junger, Palma, Monteiro e Resende (2007), a literatura revela que é reduzido o número de jovens que pratica exercício físico regularmente e que são poucos os que permanecem motivados com um programa de exercício físico de longo período.

Mediante essa preocupação é interessante que o professor de EF, na escola, tente inserir novos conteúdos nas suas aulas, neste caso, percursos pedestres na natureza, além do futsal, basquetebol, andebol e voleibol, como é a realidade de muitas escolas (Darido, Galvão, Ferreira & Florin, 1999).

4.3 Papel dos pais na promoção na prática de atividades de exploração na natureza

O papel dos pais na promoção da prática de atividades de exploração na natureza é fundamental, uma vez que estes influenciam a motivação dos jovens (Matos & Sampaio, 2009). Neste contexto, os pais formarão os filhos através de um estilo de conveniência que estabelece as suas ideias e os seus gestos, “porque a educação é, sobretudo, uma obra de imersão num determinado ambiente e o mais determinante e transcendente para o ser humano é a própria família” (Garcia & Paulo, 1990, p. 7).

Os pais têm, por consequência, um papel fundamental na educação da criança.

Desde a idade pré-escolar que a participação ativa dos pais no percurso escolar da criança é evidenciada. Assim, é necessário criar condições para que o trabalho colaborativo pais-escola seja uma prática, um processo contínuo e não momentos esporádicos. É na partilha das preocupações conjuntas que nascem novas soluções e novos caminhos (Barros, 2010).

Contudo, existem também pais que têm demasiada consciência da sua função participativa, acabando por se intrometerem em assuntos escolares que não lhes dizem respeito. Aconselha-se, de forma clara, a existência de uma relação pais-escola, visto ser vital para a educação das crianças. Segundo Diez (1998, p.10), “a ação educativa dos pais e da escola pode ser simultânea ou complementar, em todas as dimensões da pessoa, segundo os aspetos que importa educar em cada caso concreto, contudo devem ser sempre ações secundárias, já que recaem no mesmo educando”.

Por isso, de acordo com Magalhães (2007), o envolvimento e participação dos pais possibilita à criança adquirir confiabilidades que permitem o seu desenvolvimento, verificando-se, simultaneamente, um aumento de felicidade e confiança em si mesma.

Na EF, o papel dos pais também é imprescindível, dado que o estilo parental traça-se tendo por base as suas orientações cognitivas ou os seus objetivos de realização, inculcando um clima motivacional determinante no envolvimento da EF das crianças e jovens (Palffy & Martin, 2008).

Por conseguinte, os momentos de tempo livre, orientados para as práticas de percursos na natureza, podem e devem ser importantes para pais e filhos (Carneiro & Machado, 2000).

5. METODOLOGIA

Neste capítulo do relatório apresenta-se a metodologia usada neste estudo, nomeadamente, a sua caracterização. Numa etapa posterior, irão ser descritos os procedimentos de recolha de dados, os instrumentos de avaliação, os procedimentos estatísticos, bem como as fases do estudo.

5.1 Opções Metodológicas

A metodologia tem a função de “...Velar pelos métodos, assinalar os seus limites e alcance, clarificar e valorizar os seus princípios, procedimentos e estratégias mais adequadas para a investigação”, ou seja, “refletir sobre os meios que demonstraram o seu valor na prática”, interessando-se mais “pelo processo da investigação do que pelos resultados” (Latorre, Ricon & Arnal, 2006, p. 87).

Tendo por base a teoria dos investigadores, a escolha da metodologia deste estudo teve em conta a origem do problema a estudar. Assim, mediante o objetivo deste estudo, que é perceber como se pode caraterizar o desempenho e a motivação dos alunos, através de um questionário, e aos pais, acerca da prática de percursos na natureza, a metodologia que se utilizou é mista: são utilizadas duas formas de inquérito quantitativo e qualitativo que são frequentemente retratados como paradigmas distintos e incompatíveis em investigação educacional (Shaffer & Serlin, 2004).

Contudo, existem outros diferentes métodos de análise, na eventualidade, úteis, uma vez que se direcionam para diferentes tipos de questões. Aqui utilizam-se, em simultâneo, ambos os tipos de técnicas quer qualitativas, quer quantitativas. Cita-se a propósito Shaffer e Serlin (2004):

“Os métodos qualitativos e quantitativos são, em última análise, métodos para garantir a apresentação de uma amostra adequada. Ambos constituem tentativas para projetar um conjunto finito de informação para uma população mais ampla: uma população de indivíduos no caso do típico inquérito quantitativo, ou uma coleção de observações na análise qualitativa. [...] O objetivo em qualquer análise é adequar a técnica à inferência, a afirmação à comprovação. As questões que se colocam a um investigador são sempre:

Que questões merecem ser levantadas nesta situação?

Que dados poderão lançar luz sobre estas questões? E que métodos analíticos poderão garantir afirmações, baseadas em dados, sobre aquelas questões? Responder a estas questões é uma tarefa que envolve necessariamente uma profunda compreensão das potencialidades e limites de uma variedade de técnicas quantitativas e qualitativas” (p.23).

Relativamente à metodologia quantitativa esta caracteriza-se por ter um procedimento a nível de realidade e apresenta-se com objetivos, a identificação e apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis. Este tipo de investigação apresenta-se, geralmente, quando existe a possibilidade de recolha de medidas quantificáveis de variáveis e intervenções a partir de amostras de uma população.

A metodologia qualitativa caracteriza-se por ser uma investigação descritiva, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e raciocínios a partir de modelos encontrados nos dados.

Assim, ao longo de um processo de investigação podem intercalar-se momentos de investigação quantitativa que, por sua vez, podem originar questões que obtêm melhor resposta num estudo qualitativo ou vice-versa.

No desenho e desenvolvimento deste estudo pretende-se perceber e conhecer até que ponto os alunos deste contexto educativo conhecem a existência de percursos na natureza, e se existe motivação para a sua prática, assim se pretende saber até que ponto esta atividade influencia a sua relação com a saúde e bem-estar e, principalmente, com o meio ambiente.

Não obstante, é de extrema importância referir que os questionários efetuados foram direcionados a todos os alunos e pais do 1º CEB desta escola. Estamos, então, perante um estudo desta natureza, sendo os resultados aqui apresentados uma tentativa de descrição próxima da realidade (Stake, 2012).

Utilizou-se uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa), em que o instrumento de recolha de dados foi um inquérito por questionário que envolvia questões abertas e fechadas. Este questionário foi construído com o auxílio de um especialista na área de atividades de exploração na natureza e através de uma revisão da literatura

5.2 Calendarização do estudo

Quanto à calendarização do estudo, primeiramente decorreu a fase de reflexão, cujo objetivo se centrou na eleição do tema que se pretendia explorar.

Posteriormente, na fase de planeamento, procedeu-se à seleção do local, da estratégia, da preparação, da criação e do refinamento das questões de investigação.

De seguida, vem a fase de produção e recolha de dados, através do questionário, que se debruçou sobre a compreensão de toda a análise dos dados, recolhidos de início ao fim de todo o processo.

Posteriormente, a fase de afastamento, pois tal como o nome indica, houve um afastamento do meio por parte do investigador com o objetivo de refletir sobre todo o trabalho efetuado. Por fim, na fase de escrita, realizou-se o esboço do estudo e a descrição dos dados devidamente sustentados em referenciais teóricos e imediatos.

Assim, tendo este estudo decorrido entre fevereiro e maio de 2017, inicialmente procedeu-se à etapa de investigação que correspondeu à pesquisa bibliográfica relacionada com a temática, as perceções de crianças e pais em relação à motivação para a prática de atividades de exploração na natureza, o problema e as respetivas questões de investigação. Ainda neste período foi realizada a parte teórica deste trabalho, ou seja, alguma revisão de literatura, que foi sendo reformulada ao longo de todo o processo, de forma a corresponder a toda a ação e metodologias adotadas.

Logo de seguida, procedeu-se à elaboração dos pedidos de autorização aos encarregados de educação (conforme anexo 1). Igualmente, foram aplicados os questionários aos alunos e aos pais ou familiares (conforme anexo 2), com o intuito de recolher informação e analisá-la no fim do estudo. Ao longo desta investigação foi mantido o anonimato dos alunos e dos pais, tendo os seus nomes sido codificados; a título de exemplo A1 (Aluno ou aluna 1) e P1 (Pai ou mãe 1).

Quanto aos questionários, estes foram a principal fonte de recolha de dados para a realização do presente estudo de investigação. Todos os dados recolhidos foram sujeitos a uma análise cuidada e rigorosa. Depois da análise de dados efetuaram-se as respetivas conclusões, procurando dar resposta às questões de investigação.

5.3 Estrutura do estudo

Este estudo de investigação é caracterizado por ter um paradigma de investigação predominantemente misto, isto é, simultaneamente quantitativo e qualitativo. Este decorreu num contexto natural, no qual o investigador, para além de observar os intervenientes, interagiu com eles e analisou o modo como agiam, compreendiam e explicavam as determinadas ocorrências com que se deparavam.

Deste modo, este método de investigação centra-se nos processos em detrimento dos produtos. A escolha destas opções metodológicas prendeu-se com a origem do problema em estudo, que consiste em analisar as perceções de crianças e pais em relação à motivação para prática de percursos de exploração na natureza, sendo evidente a necessidade de interpretar e compreender os fenómenos apresentados.

O estudo é exploratório, visto que se pretende que este possa fornecer indícios para futuros estudos, e é interpretativo, uma vez que tem como objetivo interpretar e atribuir significado, “compreender o mundo complexo do vivido desde o seu ponto de vista. Se a ação humana é intencional, pensam, há que interpretar e compreender os seus significados num dado contexto social” (Coutinho, 2011, p. 17).

Nesta investigação, numa fase inicial, os intervenientes foram os alunos das duas turmas do segundo ano e, posteriormente, os restantes alunos do 1º CEB do mesmo centro escolar. Este estudo baseou-se na análise dos questionários aos diferentes alunos do 1º CEB desta escola e respetivos pais participantes.

Segundo Stake (2012), existe a consciência plena de que as conclusões do estudo estão contaminadas pela visão pessoal do investigador, sendo aqui apresentadas as suas opiniões, construídas face aos factos interpretados. Portanto, para obter estes resultados fiáveis é essencial a colaboração dos pais, pois assim procuram reforçar as aprendizagens efetuadas nas sessões de EF em casa, através da prática de percursos na natureza. A colaboração dos pais relevou-se essencial para desenvolver a transferência. Em estudos anteriores, verifica-se que o papel dos pais tem sido destacado, mas que esta articulação é, por vezes, problemática (Neely & Holt, 2014).

5.4 Participantes

Este estudo ocorreu ao longo da PES II, durante o período de intervenção em contexto do 1º CEB. Este proporcionou, para além de vivências da prática de um professor, o contato com os alunos e a possibilidade de adotar uma postura de investigador na área da educação.

O número de participantes foram 105 alunos e 105 pais de todo o centro escolar, com idades compreendidas entre os seis e os dez anos e respetivos pais, com idades entre os 30 e os 65 anos. Em geral, estas turmas apresentavam algum desinteresse escolar, não tendo motivação e curiosidade pela aprendizagem de qualquer uma das áreas curriculares. O comportamento e o rendimento escolar eram razoáveis, não possuíam espírito crítico, a participação era escassa e o nível de autonomia que detinham era diminuto. Contudo, a EF era a disciplina em que apresentavam melhores resultados e mais empatia. Perante estes factos, este estudo visava despertar um maior interesse dos alunos por esta temática, mais especificamente pelos percursos de exploração na natureza, orientação, e espírito de equipa, através da realização de percursos pedestres na natureza, no centro escolar.

Neste contexto, e de acordo com o objetivo apresentado, os participantes desta investigação podem dividir-se em dois grandes grupos: todos os alunos do 1º CEB e os respetivos pais. Todos responderam aos questionários.

Os alunos estavam autorizados pelos encarregados de educação a participar e serem alvo deste estudo. Apesar de alguns dos alunos referirem nos questionários terem já efetuado percursos pedestres, a sua atitude não se conciliava com esta afirmação.

5.5 Recolha de dados

A recolha de dados é uma fase indispensável numa investigação e dela podem resultar fontes muito diversas, desde documentos institucionais ou pessoais, a anotações feitas pelo investigador, decorrentes da observação em contextos naturalistas, passando pela aplicação de questionários aos sujeitos informantes, ou ainda pela utilização de artefactos produzidos em contextos não investigativos.

Assim sendo, a recolha de dados é de extrema importância na realização de qualquer investigação, sendo primordial a eleição dos métodos necessários de forma a facultar a informação pretendida. Ou seja, para dar resposta ao problema é necessário relacionar as possibilidades impostas com as informações a recolher (Cohen & Manion, 2010).

5.6 Questionário

O instrumento da recolha de dados foi o questionário (conforme anexo 2). Este tinha como papel principal conhecer a opinião dos alunos e pais ou outros familiares. Isto leva a pensar no contributo da EF, neste caso específico, a prática de percursos na natureza, para o desenvolvimento educacional dos alunos nas escolas do 1º CEB. Por outro lado, de acordo com Carvalho (2009), o questionário constitui um meio eficiente e rápido de obtenção de dados para uma investigação.

Para a elaboração de um questionário, tal como noutros instrumentos de recolha de dados, deve ter-se em conta algumas indicações, neste caso particular procurou-se formular questões simples, claras, curtas e com linguagem adequada ao universo dos inquiridos, neste caso os alunos do 1º ciclo e os seus pais ou outros familiares.

O processo de questionamento é talvez aquele que é mais utilizado na concretização de uma investigação. Este consiste na colocação de perguntas de opinião, ou relativamente à atitude em relação a determinadas opções, ou sobre algum assunto que é do interesse dos investigadores, a uma determinada população (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Outro benefício referido por Quivy e Campenhoudt (2003) é o facto de este instrumento permitir “quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (p.191).

Para além disto, este método é fácil de administrar, contudo, para que este seja fiável é necessária a realização de questões de forma clara e também é preciso que haja uma relação entre as questões, os entrevistados e um ambiente confortável de confiança no ato do seu preenchimento.

Deste modo, os questionários podem conter questões de natureza aberta ou fechada, formuladas de modo a obter toda a informação necessária, de acordo com os objetivos previamente definidos. Ao longo da elaboração dos questionários efetuados, foram tidos em conta aspetos como o objetivo do questionário, a quem se destinava, a planificação de aspetos a abordar e, posteriormente, atender a aspetos como a utilidade de cada uma das perguntas efetuadas, assim como o modo como estas questões se apresentavam e o tipo de respostas que envolviam: resposta curta, escolha múltipla, resposta de acordo com uma escala e ordenação, a ordem pela qual as questões se apresentariam da forma mais adequada (Cohen, Manion & Morrison, 2011).

Segundo estes autores, os investigadores devem ser capazes de adiantar o tipo e o leque de respostas que as perguntas provavelmente originarão, algo que foi realizado pelo investigador antes de disponibilizar os questionários.

Este questionário encontra-se dividido em duas partes, a primeira diz respeito aos dados pessoais do inquirido (sexo, escolaridade, idade e número do agregado familiar), sendo que, a idade dos inquiridos, varia entre os seis e os dez anos, predominando os de sete anos, e maioritariamente do sexo feminino.

As idades dos pais variam entre os 30 anos e + 50 anos, predominando entre os 31 e os 40 anos e a maioria dos participantes também são do sexo feminino.

O questionário foi aplicado a todas as turmas do 1.º CEB, podendo observar-se que o segundo ano obteve maior número de participantes. Relativamente, às habilitações literárias dos pais, a maioria possui o 12.º ano de escolaridade.

No que respeita aos agregados familiares, predominam os agregados de quatro pessoas. Por fim, nesta 1.ª parte do questionário, e quanto à formação de percursos pedestres, apenas dois pais têm formação nesta área.

Já a segunda parte centra-se nas opiniões dos inquiridos sobre a prática de percursos pedestres em relação à EF, ao meio ambiente, à qualidade de vida e ao bem-estar físico, tendo-se em conta os aspetos positivos e negativos e as atitudes e regras face à prática de percursos na natureza.

5.7 Análise de dados

O processo da análise de dados teve como finalidade compreender o problema inicialmente apresentado; obter respostas para as questões de investigação e dar a conhecer os dados recolhidos e a discussão destes.

A análise de dados apresenta-se como um processo de busca e organização sistemática de materiais que foram sendo necessários, ou seja, e segundo Vale (2004), trata-se de “um processo de estabelecer ordem, estrutura e significado na grande massa de dados recolhidos” (p.183).

Os dados foram analisados através de procedimentos de estatística descritiva (média e desvio padrão). Recorreu-se também a uma análise do conteúdo através de uma abordagem dedutiva.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste subcapítulo são apresentados os resultados e a respetiva discussão destes.

Neste sentido os resultados estão apresentados em 3 partes:

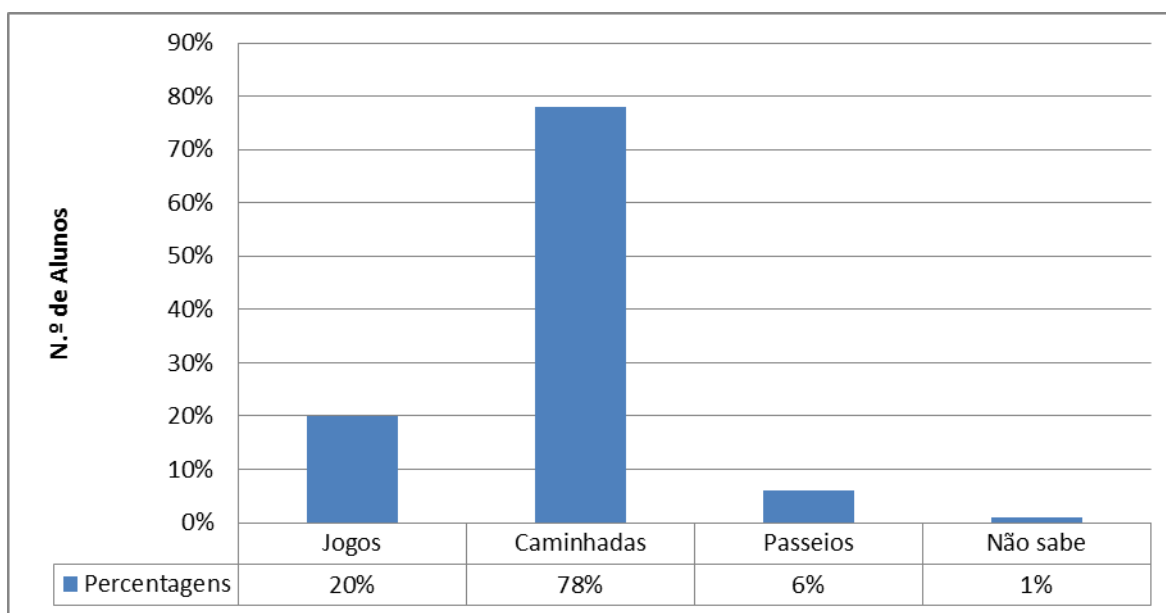
- As atitudes face ao conceito e prática de percursos pedestres;
- As vantagens e os constrangimentos na realização de percursos pedestres
- A importância de normas e regras na realização de percursos pedestres.

Estes resultados visam identificar as perceções das crianças e pais relativamente à motivação para a prática de percursos pedestres na natureza.

6.1 Atitudes face ao conceito e prática de Percursos Pedestres

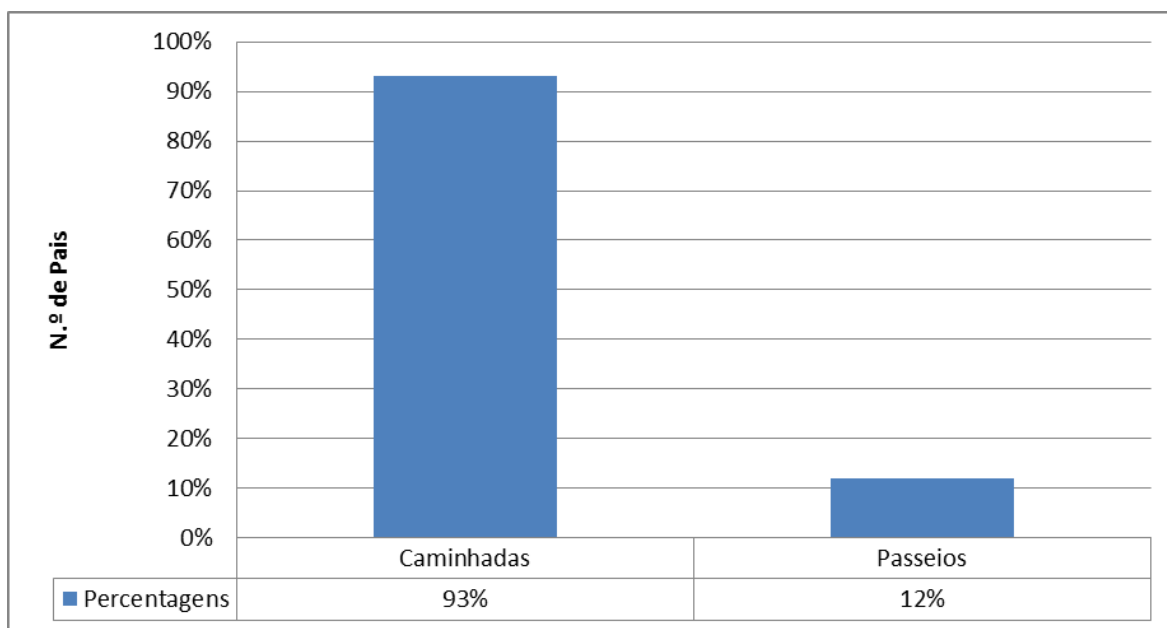
Conceito dos Percursos Pedestres

Gráfico 1. Perceções dos participantes (Alunos) em relação aos percursos pedestres



A leitura do gráfico 1 permite concluir que a maioria dos alunos associa percursos pedestres a “caminhadas” (78%). Já uma percentagem mais reduzida refere “jogos” (20%) e “passeios” (6%). A título de exemplo, dois alunos referiram "Dar uma caminhada é seguir os sinais" (A43) e "São caminhadas ao ar livre com diversos sinais que nos orientam ao longo das etapas" (A78).

Gráfico 2. Percepções dos participantes (Pais) em relação aos percursos pedestres



Os pais, à semelhança dos alunos, associaram, na sua maioria, os percursos pedestres “caminhadas” (93%) e uma percentagem reduzida “passeios” (12%).

Dois pais referiram "São caminhadas em espaço aberto em contato com a natureza, seguindo sinais" (P43) e "É uma caminhada, geralmente zonas rurais e naturais, que normalmente se encontram simbolizados com marcas e códigos internacionalmente conhecidos" (P78).

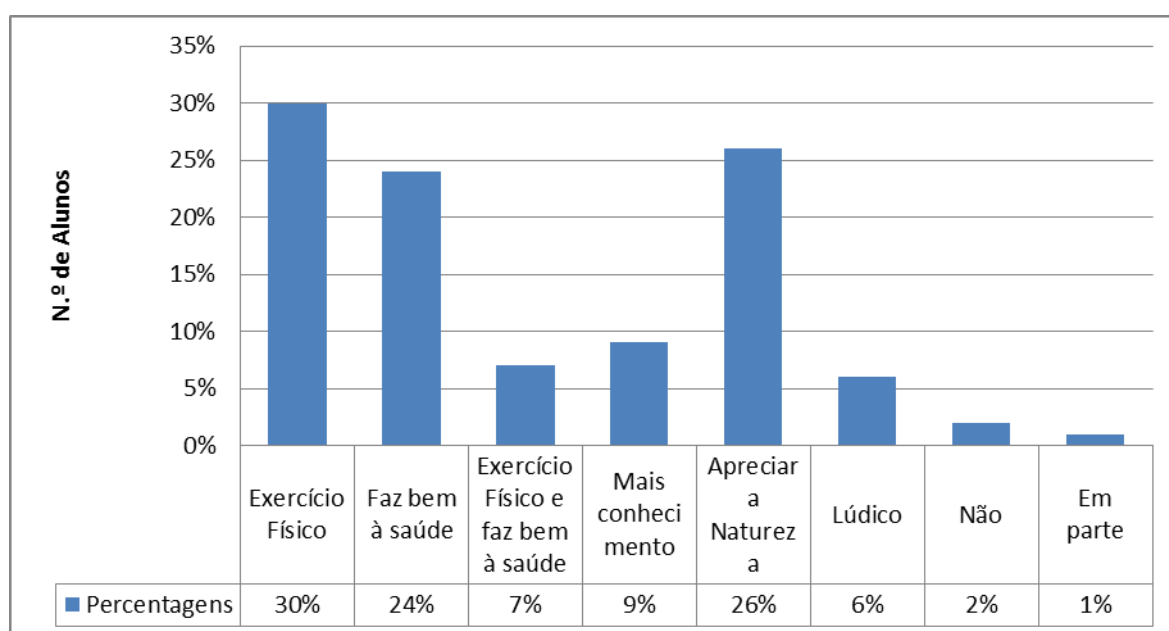
As respostas dadas anteriormente demonstram um conhecimento limitado acerca do conceito “percursos pedestres na natureza”. Esse escasso conhecimento pode estar relacionado com a falta de experiências e aprendizagens no domínio do bloco “Atividades de Exploração na Natureza” e também com uma ausência de prática regular deste tipo de atividades, o que se revela preocupante. Sublinha-se aqui a importância dos pais na prática destas atividades, indo, por via disso, as suas respostas ao encontro da sua pouca prática e diminuta familiarização nesta temática.

Assim, torna-se necessário aumentar o número de intervenções de professores de EF neste bloco e eventualmente, proporcionar momentos formativos que possam apresentar ferramentas e propostas didáticas para este tipo de trabalho.

Segundo Yildirim e Akamca (2017), as crianças que crescem num ambiente artificial não possuem sensibilidade suficiente para conviver na natureza e têm uma vida ativa limitada. Como o ambiente de um programa de educação ao ar livre é diferente do de uma sala de aula fechada, as crianças encontram atividades ao ar livre interessantes e divertidas.

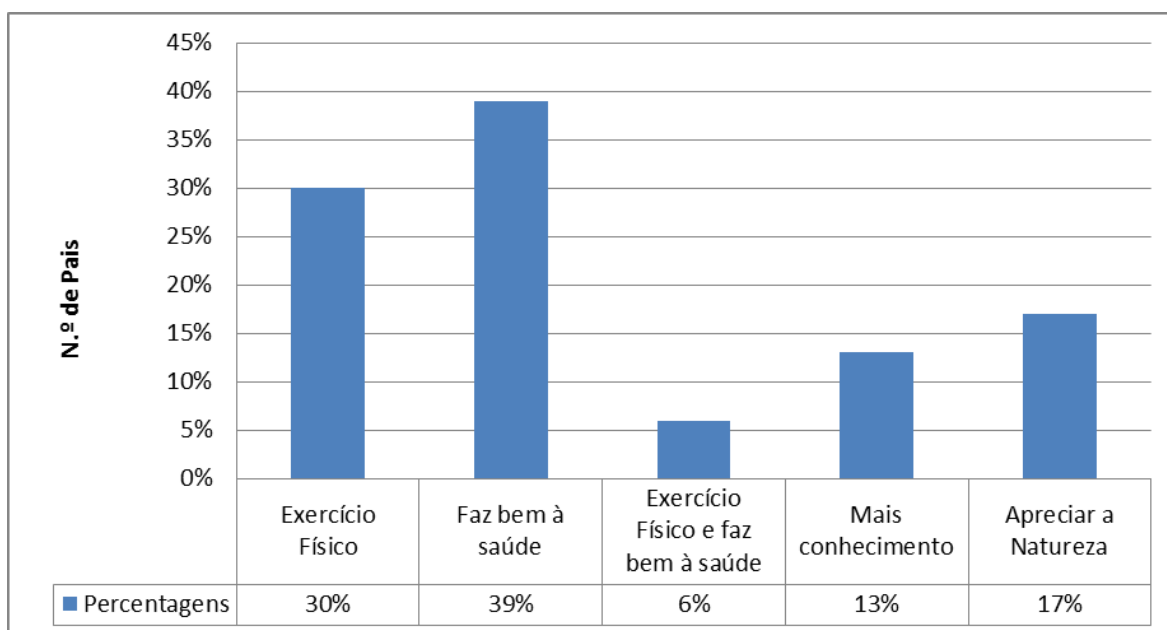
Motivos para a prática de Percursos Pedestres

Gráfico 3. Importância dos percursos pedestres (Alunos)



Tendo em conta os resultados apresentados no gráfico 3, verifica-se que os alunos, em grande maioria, destacam aspetos ligados à atividade física, a apreciar a natureza e terem uma vida saudável (80%), enquanto em menor número surge o incremento de conhecimento pessoal (9%); também procuram salientar, em conjunto, a atividade física e faz bem à saúde (7%) e exercitar o lúdico (6%).

Gráfico 4 - Importância dos percursos pedestres (Pais)



Todos os pais que participaram neste estudo afirmaram que os percursos pedestres são importantes pois responderam sim. Dentro desta totalidade, cerca de (70%) disseram “faz bem a saúde” e “é bom para a prática de atividade física”, enquanto os restantes (30%) responderam “apreciar a natureza” e “adquirir mais conhecimento”.

Constata-se, perante as respostas obtidas de uma grande parte dos alunos e pais, que os percursos pedestres promovem maiores oportunidades e proporciona maiores momentos de atividade física.

Acresce ainda o facto de beneficiar a saúde, através das caminhadas, e possibilitar a observação da fauna e da flora.

Os professores devem estar equipados para abordar este bloco. Por isto, torna-se essencial dar continuidade à prática destas atividades na natureza e, sobretudo, nas aulas de EF.

Tovar e Carvalho (2010) dizem-nos que os percursos pedestres podem contribuir para um estilo de vida saudável.

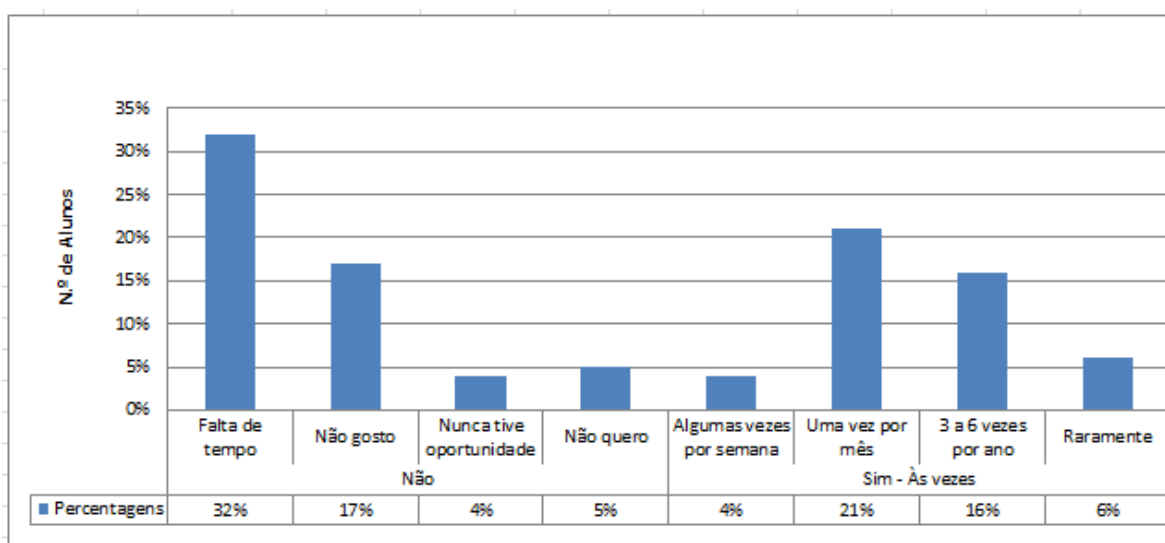
Logo ao nível da saúde, a prática destas atividades pode contribuir para um estilo de vida mais ativo

Assim, Zeng, Ayyub, Sun, Wen, Xiang, Gao (2017), partem do pressuposto que a falta de exercício físico constitui, cada vez mais, uma questão de saúde pública em muitos países industrializados. Perante esta realidade, estes autores defendem que a participação regular em atividades ao ar livre, ajuda a reduzir o risco da obesidade infantil e as doenças crónicas que lhe estão associadas.

Reiner, Niermann e Woll (2013), evidenciam a existente correlação entre o bloco percursos pedestres na natureza e a diminuição da obesidade, das doenças cardíacas, do desenvolvimento do diabetes tipo dois, da doença de Alzheimer e da demência. Brussoni, Olsen, Pike e Sleet (2012) alertam para a necessidade da prática de atividades de exploração na natureza.

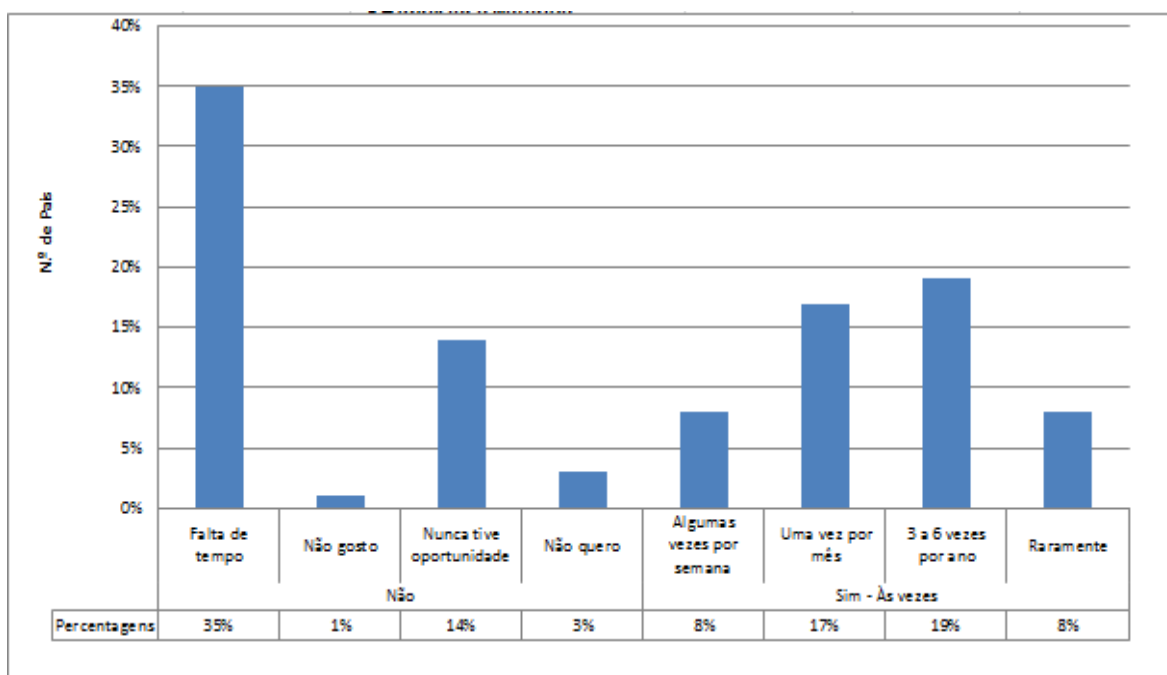
Frequência na prática de Percursos Pedestres

Gráfico 5 - Frequência na prática de percursos pedestres (Alunos)



Segundo o gráfico 5, a grande maioria dos alunos, seja por “falta de tempo” (32%), seja por “não gostar” (17%) ou “não querer” (5%) ou “não ter oportunidade” (4%), afirma não praticar estes percursos. Dos restantes, alguns afirmam praticar “uma vez por mês” (21%), “três a seis vezes por ano” (15%) e “raramente” (6%).

Gráfico 6 - Frequência na prática de percursos pedestres (Pais)



Relativamente aos pais é de salientar que estes responderam não “por falta de tempo”, “nunca tiveram oportunidade” e “não” (60%). Os outros (26%) afirmaram “Sim”, “às vezes”, “3 a 6 por ano” e “uma vez por mês”. Os restantes (16%) disseram “raramente” e “algumas vezes por semana”.

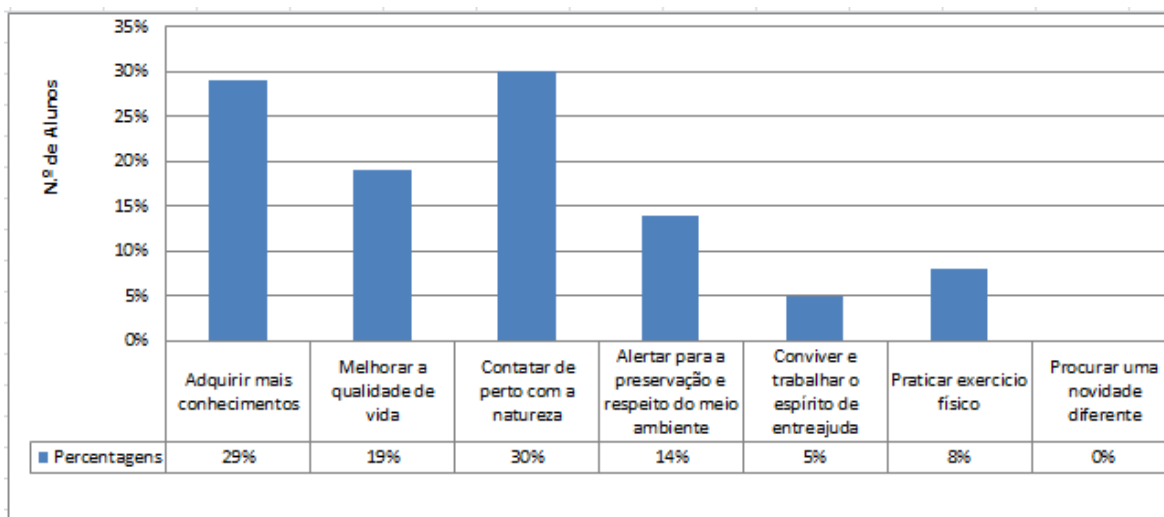
Perante os dados apresentados, dá para perceber que os alunos não se envolvem neste tipo de atividades por falta de tempo e desconhecimento, isto é, a prática de percursos pedestres é bastante limitada, o que se torna preocupante, do ponto de vista da intervenção dos professores. Isto leva a refletir acerca de algumas questões: Quais os motivos para não se abordar este bloco? Qual a importância deste bloco em contexto escolar? A aparente falta de tempo pode representar falta de oportunidades e importância dada à EF de um modo geral.

Assim, o bloco de atividades de exploração na natureza deve proporcionar experiências positivas aos alunos para que percebam que estas atividades são importantes para o seu futuro. É fundamental que os programas de EF sejam cumpridos, devem aproveitar-se todos os recursos que estão interligados a este bloco e, acima de tudo, proporcionar a prática deste tipo de atividades.

Torna-se essencial desenvolver trabalho colaborativo com os pais para promover esta prática, para que, assim, motivem os seus filhos para um estilo de vida ativo.

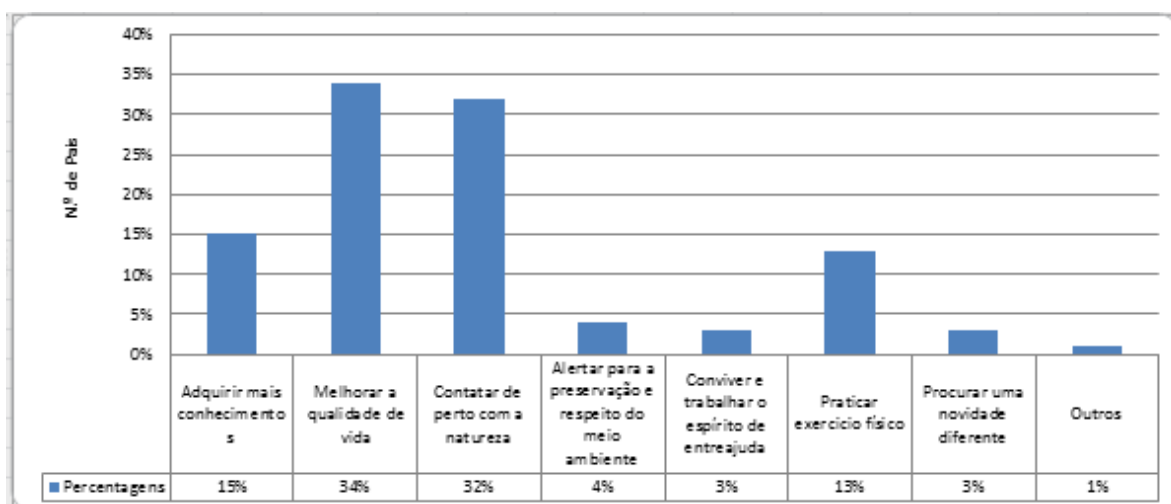
Quais as razões que levam à prática de percursos pedestres

Gráfico 7 - Razões que levam à prática de percursos pedestres (Alunos)



No Gráfico 7 verifica-se que cerca de (60%) dos alunos responderam que as razões que os leva à prática desta atividade são “contactar de perto com a natureza e adquirir mais conhecimentos”. Já mais de (27%) dos alunos disseram que a razão se deve a “melhorar a qualidade de vida” e “alertar para a preservação e respeito do meio ambiente”. Os restantes (13%) responderam que as principais razões para a prática de trilhos pedestres são “praticar exercício físico” e “conviver e trabalhar o espírito de entreatajuda”.

Gráfico 8 - Razões que levam à prática de percursos pedestres (Pais)



No Gráfico 8 verifica-se que (70%) dos pais indicaram que as razões que os leva à prática desta atividade são, “Melhorar a qualidade de vida”, “contatar de perto com a natureza” e “adquirir mais conhecimentos”. Também (20%) dos pais disseram que a razão deve-se a “praticar exercício físico” e “alertar para a preservação e respeito do meio ambiente”. Os restantes (10%) responderam que as principais razões para a prática de trilhos pedestres devem-se a “procurar uma novidade”, “conviver e trabalhar o espírito de entreajuda”.

É fundamental abordar este bloco nas aulas EF para os alunos obterem melhor qualidade de vida, praticar atividade física e conviverem uns com os outros, não esquecendo a aquisição de novos conhecimentos. Afere-se das respostas apresentadas que as principais potencialidades percebidas pelos sujeitos envolvem a observação e apreciação da beleza das paisagens, assim como conhecer a natureza e o meio envolvente (Rodrigues & Kastenholz, 2007).

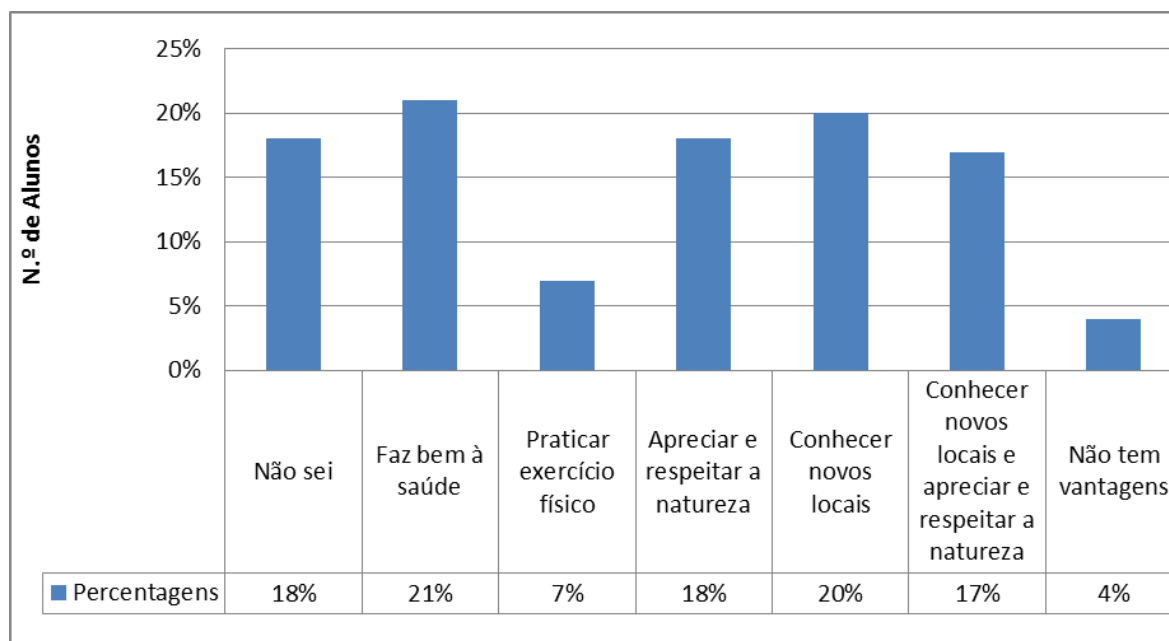
Drummond e Pill (2011), salientam que a EF pode oferecer às crianças uma variedade de experiências ao ar livre. Estes percursos privilegiam o contacto com a natureza, promovem a sua conservação e o desenvolvimento sustentável.

Resultam num produto de turismo ativo e contribuem para o desenvolvimento socioeconómico das regiões onde se encontram implantados (Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, 2009).

6.2 Vantagens e constrangimentos na realização de Percursos Pedestres

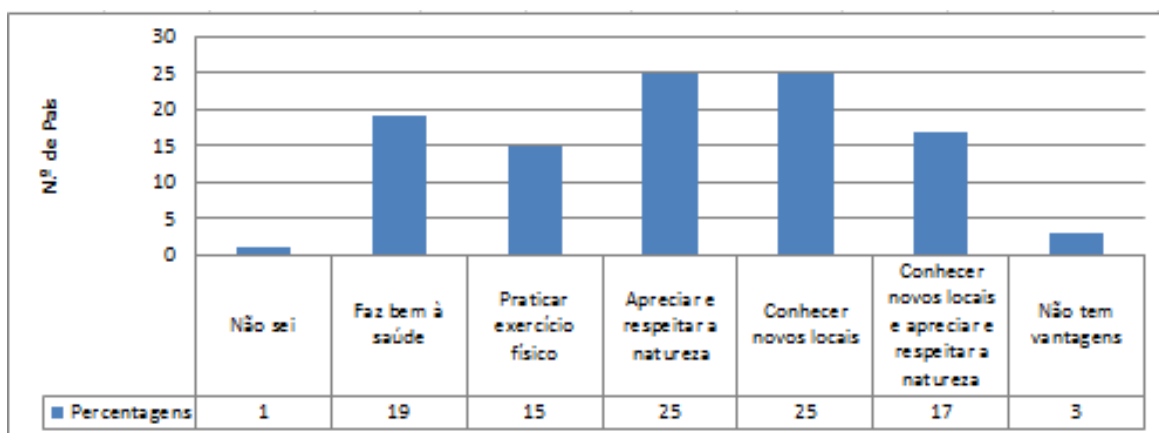
Quais as vantagens na realização de percursos pedestres

Gráfico 9 - Vantagens na realização de percursos pedestres (Alunos)



Quanto à questão “Quais são as vantagens na realização de PP?” referencia-se que cerca de (60%) dos inquiridos, alunos, responderam que “Faz bem à saúde, conhecer novos locais e apreciar e respeitar a natureza”, como exemplo apresenta-se a citação “Melhora o nosso bem-estar psicológico e físico” e “estamos em contato com a natureza” (A89). Já (20%) responderam que “Praticar exercício físico”, “conhecer novos locais” e “apreciar e respeitar a natureza”, como nos demonstra a citação “Conhecer novos locais e ao mesmo tempo podemos praticar exercício físico” (A57). Os restantes (20%) responderam “Não sei” e “não tem vantagens”.

Gráfico 10 - Vantagens na realização dos percursos pedestres (Pais)



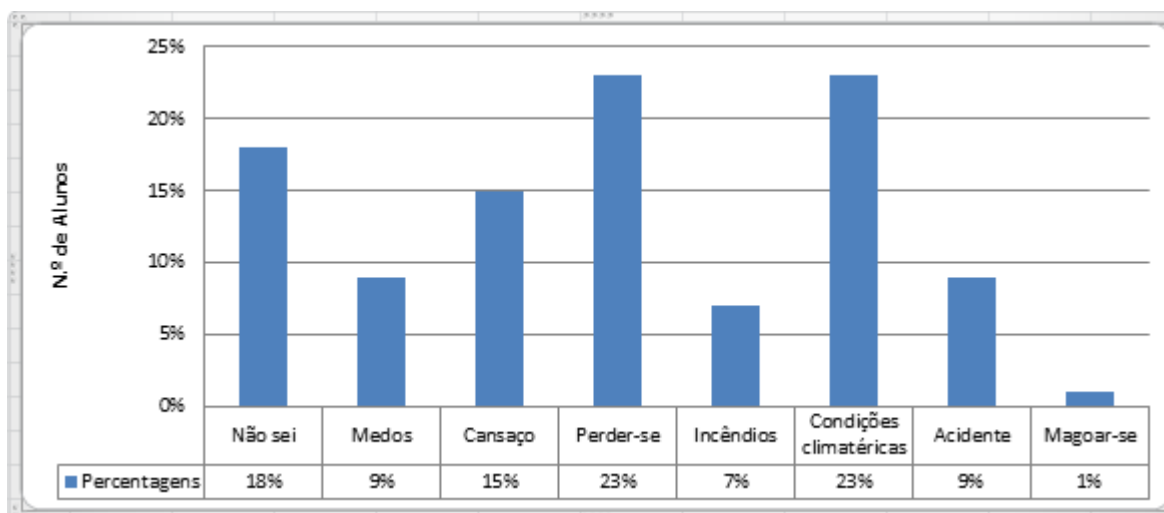
No Gráfico 10 salienta-se que (70%) dos pais, responderam “apreciar e respeitar a natureza”, “conhecer novos locais e faz bem à saúde”, como podemos observar nesta citação de um pai “tem a ver com o contato com a natureza e melhora a nossa saúde” (P89).

Cerca de (25%) responderam “Conhecer novos locais”, “apreciar e respeitar a natureza” e “praticar exercício físico”, conforme afirma um pai “Podemos conhecer novos locais” e “praticamos exercício físico” (P57). Os demais (5%) responderam “Alertar para a preservação e respeito do meio ambiente”.

Nesta ordem de ideias, Bilton, Bento e Dias (2017) defendem que os alunos devem ter oportunidades de brincar no exterior, enfrentando novos desafios motores.

Quais os constrangimentos na realização de percursos pedestres

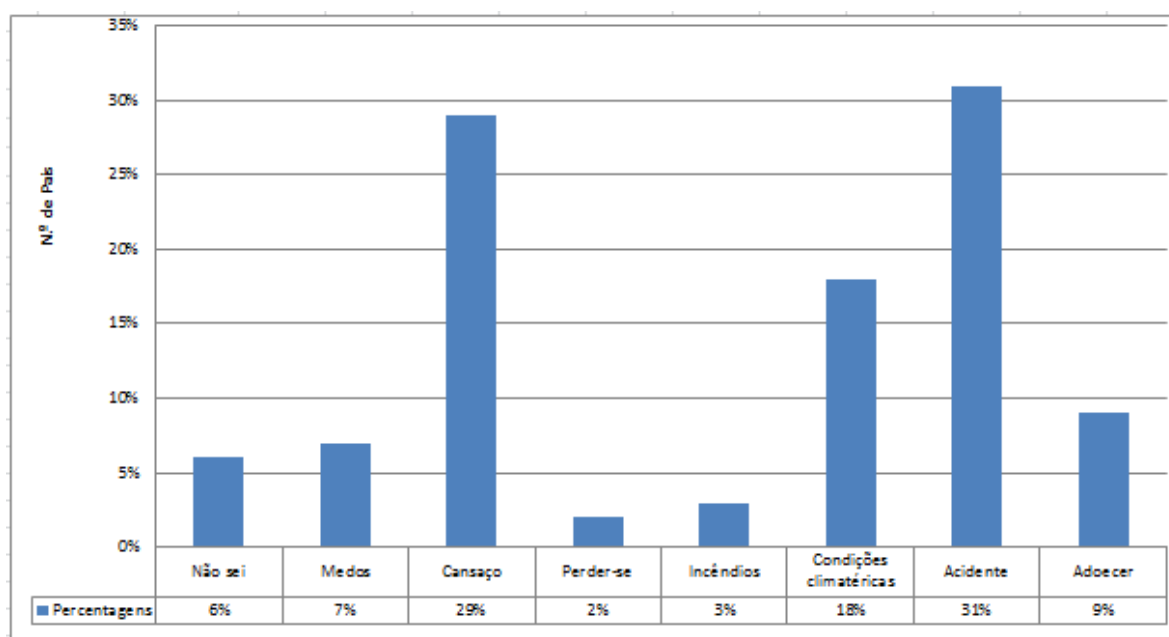
Gráfico 11 - Desvantagens na realização de percursos pedestres (Alunos)



Segundo os resultados obtidos no Gráfico 11, verifica-se que (50%) dos alunos responderam que as razões são: “Condições climáticas”, “perde-se” e “cansaço” como se pode aferir nesta afirmação, do aluno “Andar muito, cansar-me e tenho medo de me perder” (A10).

Por sua vez, (30%) responderam que “Medos”, “sofrerem acidentes” ou “magoarem-se” foram as que mais prevaleceram. Como exemplo “As quedas, magoar-nos e sofrer um acidente” (A65). Os restantes (20%) responderam “Não sei”.

Gráfico 12 - Desvantagens na realização de percursos pedestres (Pais)



No Gráfico 12 verifica-se que (60%) dos pais responderam que a razão é “Cansaço e Incêndios”. A título de exemplo um pai respondeu “O cansaço e falta de segurança ao nível de incêndios” (P10). Por sua vez, os restantes (40%) responderam “As condições climáticas”, “sofrerem acidentes ou magoarem-se” e “ter medo”. Um pai afirmou “Durante a caminhada cair, magoar-nos e o mau tempo que se pode fazer sentir” (P65).

A este respeito, Rodrigues e Kastenholz (2007), referem que a escolha do trilho está condicionada ao seu estado de preservação, à existência de informação acerca do percurso e boa sinalização. A falta de segurança é identificada como o principal obstáculo para o uso de determinado percurso em função da sua dificuldade, falta de assistência em caso de acidente ou pelas condições do piso.

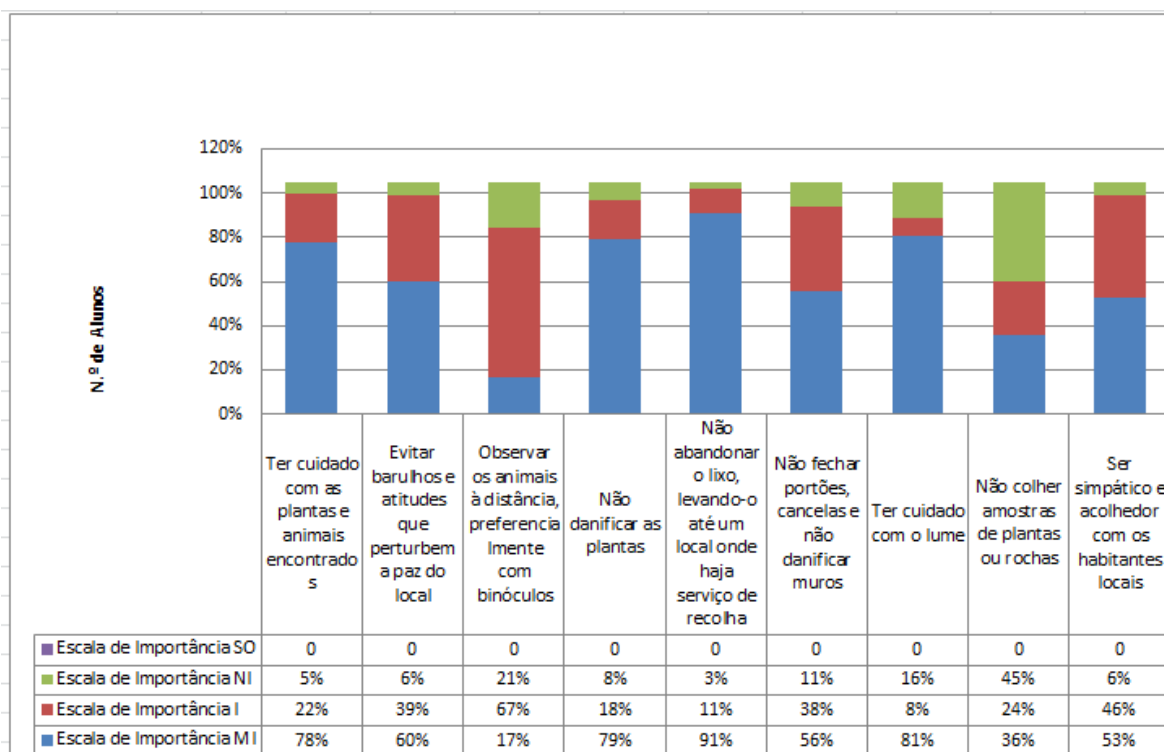
Os professores devem desconstruir concepções erradas sobre os riscos e desvantagens deste bloco. Por isto, torna-se fundamental desenvolver mais estes tipos de atividades.

Sandseter (2010), aborda o dilema entre a preocupação dos pais pela segurança e a necessidade de praticarem estas atividades no exterior.

6.3 Importância de normas e regras na realização de Percursos Pedestres

Qual Importância de Normas e Regras na realização de percursos pedestres

Gráfico 13 - Importância de normas e regras na realização de percursos pedestres (Alunos)



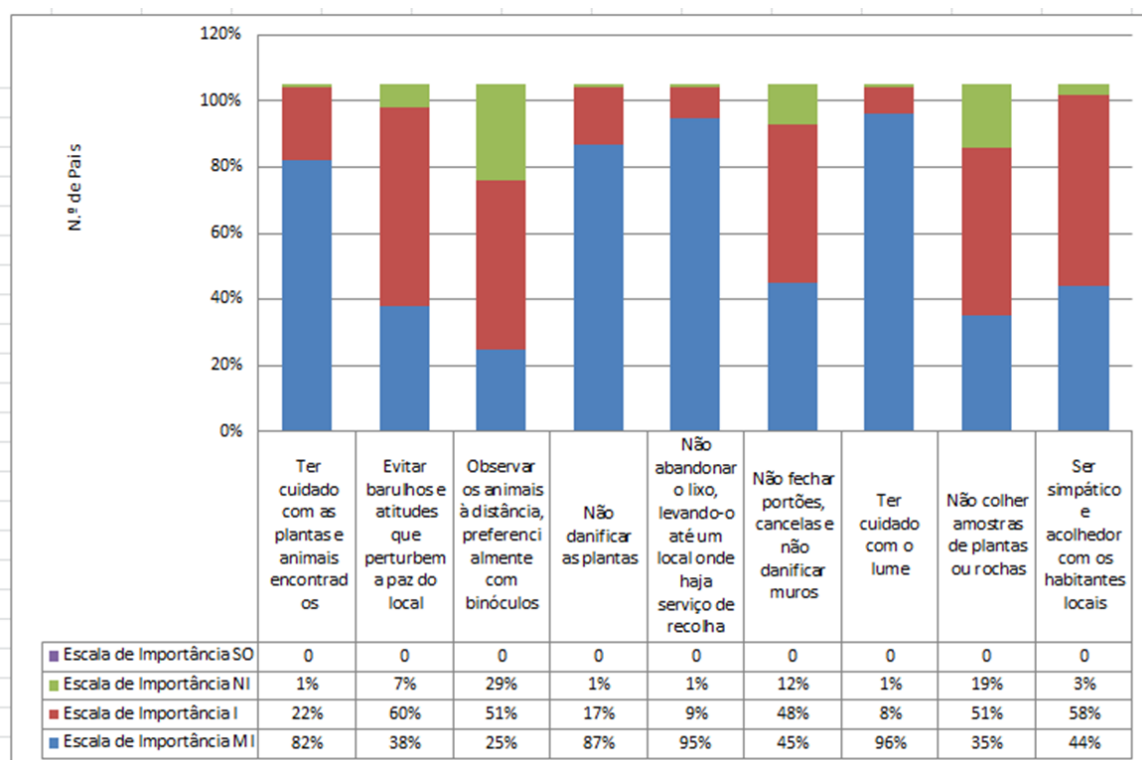
No Gráfico 13 observa-se que, numa escala de Muito Importante (MI), os alunos responderam que as principais regras e normas a ter em atenção são “Não abandonar o lixo, ter cuidado com o lume, não danificar as plantas e ter cuidado com as Plantas e Animais”. No entanto, numa escala de Muito Importante (MI), os alunos também responderam que “Evitar barulhos e atitudes que perturbam a paz no local”, “não fechar portões”, “ser simpático e acolhedor”, “não colher amostras” e “observar os animais à distância”. Numa escala de Importância (I), verificou-se que os alunos referiram as principais normas e regras "Observar os animais à distância, evitar barulhos e atitudes, ser simpático e acolhedor, e não fechar portões”.

Como desnecessárias, na mesma escala, os alunos responderam “Não colher amostras de plantas, ter cuidado com as plantas e os animais, não abandonar o lixo e ter cuidado com o lume”.

Numa escala de Nada Importante (NI), os alunos responderam com mais destaque “Não colher amostras, observar os animais e ter cuidado com o lume”.

Na mesma escala, e como dispensável nas regras e normas, os alunos responderam “Não fechar portões e cancelas, não danificar as plantas e ser simpático e acolhedor, evitar barulhos e atitudes e ter cuidados com as plantas e animais.

Gráfico 14 - Importância de normas e regras na realização de percursos pedestres (Pais)



O Gráfico 14 salienta a “Importância de regras e normas na realização de percursos pedestres”. Igualmente, em relação a esta última questão, observa-se que, numa escala de Muito Importante (MI), os pais responderam que as principais regras e normas a ter em atenção são “Ter cuidado com o lume, não abandonar o lixo, não danificar as plantas e ter cuidado com as plantas e animais”.

Todavia, na mesma escala, mas sendo desnecessárias, os pais responderam “Evitar barulhos e atitudes que perturbam a paz no local, não fechar portões, ser simpático e acolhedor, não colher amostras e observar os animais à distância”.

Numa escala de Importância (I), verificou-se que os pais responderam que as principais regras e normas são "Evitar barulhos e atitudes, ser simpático e acolhedor, observar os animais à distância e não colher amostras de plantas”.

Como desnecessárias, na mesma escala, os pais responderam “Ter cuidado com as plantas e os animais, não danificar as plantas, não abandonar o lixo e ter cuidado com o lume”. Quanto à escala de Nada Importante (NI), os pais responderam com mais frequência “Observar os animais, não colher amostras e não fechar portões e cancelas.

Na mesma escala, os pais responderam “Evitar barulhos e atitudes, ser simpático e acolhedor, ter cuidado com o lume e não danificar as plantas.

Na sua globalidade, as respostas apresentadas pelos alunos e pais estão em consonância com o trabalho de Lynn e Brown (2002), de que a crescente popularidade de atividades ao ar livre, onde os percursos pedestres se enquadram, irá inevitavelmente resultar num aumento dos danos provocados nos ecossistemas naturais.

Para Pickering, Hill, Newsome e Leung (2010), as atividades ao ar livre são proporcionais aos níveis de utilização; embora se possa aceitar algum grau de impacto, a integridade dos ecossistemas naturais não deverá ser comprometida pelas atividades recreativas, e os impactos negativos deverão ser mínimos. Torna-se elementar trabalhar fatores como a divulgação, a preservação e a manutenção dos percursos na natureza.

Também Louv (2005) chega a afirmar que o futuro da educação passa pelo exterior. Fica então estabelecido que a interação direta com o ambiente favorece o fortalecimento das relações entre o aluno, a natureza e a sua aprendizagem e desenvolvimento global.

Em relação à última pergunta do questionário (conforme anexo 2), em que os participantes podiam dar sugestões e/ou fazer comentários sobre a motivação na prática de percursos pedestres, alguns alunos responderam “este questionário é muito interessante para vermos como podemos fazer percursos na natureza” (A71) e “este questionário é interessante porque pode motivar-nos a praticar trilhos pedestres” (A96).

Alguns pais afirmaram que “este questionário deveria ser divulgado pelas entidades para poderem trabalhar mais esta temática, dando melhores condições para a prática destas atividades” (P73) e “estes questionários são muito essenciais, para os professores motivarem os nossos filhos a praticar as aulas de EF com mais vontade e empenho” (P98).

7. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NO BLOCO “PERCURSOS NA NATUREZA”

O objetivo deste estudo foi analisar as percepções de crianças e pais em relação à motivação para a prática de atividades de exploração na natureza. Por isso, planificar e cumprir o currículo é um dever do professor e, nas aulas de EF, no bloco dos percursos de exploração na natureza, podem desenvolver-se aspetos comportamentais, emocionais e psicológicos nos alunos, permitindo um melhor desenvolvimento biopsicossocial. Os professores, como agentes educativos, essenciais no processo educativo devem ser responsabilizados pelo cumprimento do programa e proporcionar o máximo de oportunidades de aprendizagem. O desconhecimento apresentado por alunos e pais em relação a este tipo de atividade, pode, refletir a falta de experiências motoras nesta área. Isto é, torna-se preocupante que o desconhecimento em relação a este bloco possa, eventualmente, refletir a ausência de EF nos contextos.

Para além disso, as escolas e os professores devem estar equipados com materiais para favorecer a prática de percursos de exploração na natureza. Também se deve verificar por que motivo as crianças e pais não se envolvem muitas vezes neste tipo de atividades. Será que os professores não têm interesse em lecionar este bloco ou a sua intervenção não é eficaz? Será que uma dada zona/contexto não oferece boas condições para a prática deste bloco? Torna-se importante responder e refletir acerca destas questões, de modo a aproveitar-se o potencial deste bloco.

8. CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo analisar as percepções de crianças e pais em relação à motivação para a prática de atividades de exploração na natureza, para que perceber a importância da motivação na prática destas atividades, na sua contextualização nas aulas de EF e qual a sua utilidade.

Este estudo também procurou contribuir para uma melhor compreensão acerca das estratégias associadas à promoção da prática de atividades de exploração na natureza que podem ser utilizadas nos contextos. Verifica-se que não se aproveita todo o potencial existente neste bloco para proporcionar às crianças um melhor desempenho nas aulas EF.

Assim, este estudo procurou realçar a importância deste bloco para a saúde, visando criar estilos de vida mais ativos, reforçando as componentes motoras e sociais da aprendizagem. Para isso, as escolas e os professores devem estar equipados com materiais para favorecer a prática deste bloco percursos de exploração na natureza.

Torna-se fundamental refletir e averiguar se os programas estão a ser cumpridos, devendo-se aproveitar os recursos existentes para, acima de tudo, proporcionar aos alunos este tipo de atividades.

Deve-se motivar os professores a saírem das salas de aula com as crianças, proporcionando-lhes o contacto com espaços naturais, observando, conhecendo e respeitando as suas capacidades, deixando-as explorar, inovar, arriscar e crescer próximas do ambiente natural, com todos os benefícios que essa aproximação possibilita ao seu desenvolvimento e bem-estar. Por fim, é importante realçar que, "Aliado à natural propensão das crianças pelas atividades no exterior, o papel dos pais não deixa de ser fundamental na prática deste tipo de atividades fora do contexto escolar" (Keegan, Harwood, Spray & Lavalley 2009, p. 362).

8.1 LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Na elaboração e desenvolvimento deste estudo de investigação, foram detetadas algumas limitações. A maior limitação foi o tempo, uma vez que a intervenção educativa decorre num período muito curto e foi necessário conciliar a prática de ensino com a investigação.

De igual modo, a amostra foi muito reduzida. Podia abranger-se uma amostra mais representativa do concelho de Viana do Castelo. Neste processo, não foi possível igualmente desenvolver qualquer intervenção com crianças e no que diz respeito às recomendações e sugestões para futuros estudos, considera-se importante recrutar uma amostra maior e mais abrangente geograficamente, incluindo um programa de intervenção mais alargado, no sentido de avaliar os benefícios e as motivações para a prática das atividades de exploração na natureza.

Entende-se que esta investigação pode servir de base à existência de novos estudos acerca do que está a ser realizado para a promoção da responsabilidade dos contextos educativos na EF, considerando-se a necessidade de adotar medidas úteis aplicadas à realidade atual.

CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES

Eis chegado o momento em que se encerra uma etapa muito relevante no meu percurso formativo, altura propícia a uma reflexão global e abrangente de todo este percurso.

Quando iniciei este percurso, estava distante e estou de ser um profissional completo e perfeito, na dimensão em que os saberes que adquiri no decorrer desta formação, apenas me habilitam a ter cada vez mais vontade de aprender. Esta aprendizagem foi, justamente, feita de momentos mais ou menos bons, todos eles importantes e significativos e que, de algum modo, melhoraram o meu desempenho.

Com a prática desenvolvem-se competências diversas no plano profissional e pessoal, fortalecendo em nós uma capacidade de solucionar problemas com que nos deparamos ao longo desta etapa e que, naturalmente, fazem parte do quotidiano exigente do trabalho do professor.

É com enorme orgulho que me encontro neste momento, a fazer a minha reflexão final da PES, do Mestrado do pré-escolar e 1º CEB.

O estágio supervisionado passado nas unidades curriculares da PES, com a orientação de vários professores, teve múltiplos objetivos sendo o primordial promover uma prática de ensino científico e metodologicamente bem estruturado, caminhando sempre ao encontro das necessidades e interesses da turma e das melhores práticas pedagógicas.

A PES contribuiu para a mobilização de conhecimentos de uma forma significativa aplicando técnicas e saberes pedagógicos, tendo sempre em atenção os interesses e necessidades dos alunos e a articulação com as diferentes áreas curriculares de conteúdo. Por outro lado, foi também possível enfrentar medos, receios, preconceitos e colocar-me à prova de formas nunca antes experimentadas.

As sessões de estágio foram duplamente supervisionadas pelo orientador da instituição de formação (Escola Superior de Educação), bem como pelo orientador cooperante da turma, que era o(a) professor(a) titular do grupo.

A primeira etapa deste estágio, decorreu num jardim-de-infância e a segunda etapa decorreu no 1º CEB com a duração de 14 semanas em cada instituição de ensino.

Primeiramente, tive momentos de observação das sessões do professor titular da turma, tanto pré-escolar como no 1º CEB. Esses momentos permitiram focar em vários aspetos relevantes para o contato com o grupo.

Conheci aspetos como as rotinas, as metodologias de trabalho de diversos agentes educativos as estratégias utilizadas, a organização do tempo e espaço, a utilização de materiais, a interação dos alunos com o tipo de atividades desenvolvidas, as maiores dificuldades dos alunos, entre outros aspetos pertinentes, sendo necessário estabelecer uma relação entre mim e as crianças, adquirindo uma maior proximidade com eles. A meu ver, neste processo de estágio tive três etapas distintas que se complementam entre si: a primeira etapa restringiu-se à observação, num segundo momento à interação com os alunos e só depois passei à ação.

De salientar que, para ser um bom profissional é necessário ter consciência das dificuldades, ser humilde e ser capaz de olhar para dentro de nós, para num segundo momento conseguir ultrapassar todos os obstáculos que se colocam na nossa frente.

Ninguém supera aquilo que desconhece. Por esse motivo, os professores que me acompanharam nesta etapa tiveram um papel preponderante neste processo e nesta caminhada que ora findou.

Por outro lado, encontrei comportamentos em contexto de sala, quer entre crianças, quer da educadora para crianças, que reforçaram positivamente aspetos de todo o processo de ensino-aprendizagem que julgo essenciais.

Deparei com uma educadora que tentava minimizar a falta de recursos, tantas vezes inultrapassável. Ao longo deste estágio, encontrei uma turma extremamente heterogénea, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. Assim sendo, era necessário adequar as atividades à sua faixa etária promovendo momentos de avaliação diferentes. O relacionamento entre a educadora e as crianças era muito importante. É uma educadora que se preocupa imenso com as crianças e tanto elogia uma boa atitude como chama a atenção numa menos boa.

Por outro lado, se for necessária a intervenção dos pais, esta é realizada de imediato. A relação educadora-pais é muito importante para a educadora com quem tivemos a felicidade de cooperar e é uma qualidade constantemente trabalhada.

Foi importante porque este relacionamento com os pais, foi passado para mim, estagiário, e em pouco tempo consegui estabelecer ligações com os pais e inclusive éramos questionados pelo desenvolvimento das crianças.

Claro que esta oportunidade surgiu também dos encontros que se realizaram entre todas as partes: Magusto inserido numa Feirinha do outono, *Halloween* – dia das Bruxas, festa do pijama, festa de Natal e VII Encontro de Janeiras pela Associação de Cavaquinhos desta freguesia, na qual as crianças participaram e se produziu uma ligação direta entre educadora-pais, sendo praticamente uma família. Sublinho que o facto de termos verdadeiramente sido adotados por esta comunidade educativa foi surpreendente e altamente motivador.

É de realçar que o Projeto de Empreendedorismo, foi o momento em que estivemos em maior contacto com os encarregados de educação e a população escolar, para solicitar a sua participação na elaboração deste sonho já há muito demonstrado pelas crianças. Tratava-se da dinamização do recreio escolar, através da colocação de uma casinha que servisse ao mesmo tempo para relaxamento e leitura.

O projeto apresentava o nome de “A casa em construção das cores”, o que na nossa opinião, representou uma mais-valia para as crianças e o seu desenvolvimento.

Para tal, foi necessário podermos contar com o apoio da associação de pais e da população escolar.

Foram-lhes solicitados materiais necessários para a implementação do projeto que, de facto, foram conseguidos através de mim, junto das empregadas da limpeza do Interface de transportes de Viana do castelo, onde desenvolvo a minha atividade profissional. Estas cederam-nos os materiais necessários para a reconstrução do telhado com rolos de papel higiénico industriais, o que nos permitiu avançar com o projeto.

Também foi necessária a aquisição de outros materiais (tintas, 'sprays', cola, tecidos) que não foi possível obter de outro modo. Para isso, contamos com a presença de todas as crianças e nós estagiários, educadora e auxiliar, cantando as janelas de porta em porta, onde conseguimos dinheiro para adquiri-los, concluindo, assim, um projeto espetacular e atrativo.

Igualmente inseriu-se as crianças no Projeto de Seminário de Integração Curricular no domínio da música, através da construção de uma flauta de êmbolo e trabalhando na temática "altura do som". Com aquilo que nos foi possível organizar e efetuar com o Projeto de Seminário de Integração Curricular de empreendedorismo, estimulamos as crianças a desenvolver as aprendizagens da cooperação, interajuda e o espírito do trabalho de equipa ao longo de todas as intervenções realizadas com elas.

Podemos, ainda, verificar os sucessos da aprendizagem obtidos pelas crianças, o que representava, também para nós, um fator de motivação.

No 1º ciclo, a situação repetiu-se. O facto de haver alunos repetentes, pois faltavam frequentemente à escola, e uma aluna com Necessidades Educativas Especiais em análise e avaliação, fez com que tivéssemos a necessidade de planear atividades distintas para os diferentes alunos, exigindo uma maior entrega e versatilidade do professor estagiário e do seu par de estágio.

Ao abrirem as portas da sua sala, possibilitaram a nossa aquisição de conhecimentos sobre as dinâmicas e interações da realidade do 1º CEB. Assim, ao longo deste estágio, deu para perceber quais as minhas maiores fragilidades, o que terei de melhorar nesta etapa, como agarrar mais o grupo.

Contudo, ao longo da minha prática profissional, também houve sucessos obtidos, como uma melhor metodologia e gestão das atividades, quer em pequeno, quer em grande grupo, tal como novas formas de apresentação de atividades às crianças, de forma a motivá-las e entusiasamá-las, para que demonstrassem realmente interesse em participar nas atividades que lhes eram propostas.

Este trabalho era sempre realizado tendo em conta as necessidades das crianças, as dificuldades, e recaindo sobretudo nos conteúdos necessários para o desenvolvimento curricular, seguindo sempre as orientações curriculares da educadora e da professora.

É deveras importante saber transmitir, no entanto é também essencial proporcionar à criança momentos de partilha de informação entre o grupo tentando inculcar-lhe um discurso, também ele, claro e coerente.

Sem dúvida que a comunicação é um fator de extrema importância, não só no decorrer do estágio como ao longo de toda a carreira de docência e como cidadãos.

Uma competência que o professor deve possuir e apreende-se com a capacidade comunicativa em contexto escolar.

A planificação é um modo de projetar as ações futuras, mas também uma ocasião de procura e investigação de informação e, por sua vez, um momento de reflexão antecipada sobre as ações a desenvolver. A planificação tem como objetivo encontrar estratégias que permitam que o aluno adquira um vasto conjunto de conhecimentos através de situações e atividades marcantes.

Apesar de estarmos já habituados à elaboração de planificações no decorrer da Licenciatura em Educação Básica, sentimos uma maior exigência e profissionalismo na elaboração das mesmas, minuciosamente pormenorizadas e descritivas no decorrer deste estágio. Por isso, considero este aspeto uma mais-valia pois, quanto mais detalhada e discriminada estivesse a planificação mais fácil era a sua análise pelos professores supervisores e mais sugestões poderiam ser apresentadas sendo menores as gralhas que poderíamos apresentar durante a prática supervisionada.

Não admira por isso que cheguemos à conclusão de Arends, (2008) “uma planificação cuidadosa dos professores pode fazer com que as aulas decorram de forma regular” (Arends, 2008, p. 96). A gestão do tempo de aula não é uma tarefa fácil pois revela-se bastante complexa para os professores estagiários. Ao longo de muitos anos tem-se provado que a planificação é a chave para a superação, da maior parte dos problemas de gestão da sala de aula. O processo de reflexão crítica é mais um fator determinante na formação do professor.

Considero a reflexão sobre a prática e o ensino, em geral, como um fator de desenvolvimento que ajuda a identificar as certezas educativas e a ligá-las à ação prospetiva, de modo congruente com os objetivos que delas decorrem (...) assumindo uma supra-função de desenvolvimento pessoal e profissional” (Alarcão & Roldão, 2008).

O momento de reflexão do estagiário acerca das suas próprias regências é um processo de avaliação da ação tendo em vista a identificação e reformulação de momentos menos conseguidos bem como o aprimoramento em intervenções futuras alcançando uma dinâmica cada vez mais cuidada, significativa e adequada aos alunos e ao momento.

Não obstante à própria reflexão é necessário aprender com a reflexão dos professores que me acompanham neste caminho. Um olhar diferente, crítico e construtivo foi imprescindível por parte dos professores que usufruem de uma vasta experiência no que concerne à educação.

“Aprender a ensinar é um processo que se inicia através da observação de mestres considerados bons professores” (Garcia & Juste, 2004, p. 39).

Foi um processo longo e desafiador, no entanto muito importante, significativo e prazeroso de concretizar. Todo o processo, desde a observação ao ministrar as aulas foi executado com coragem, determinação e afino tendo sempre em vista a aprendizagens dos alunos de uma forma desafiadora e divertida.

Porém, isto não é suficiente, é indispensável ser possuidor de conhecimentos variados, aptidões, habilidades e responsabilidade para lecionar e para fortalecer as capacidades dos alunos. Com a junção destas características penso que estão reunidas algumas destrezas que um professor necessita para ser um bom profissional da área da educação.

“Para nos tornarmos bons professores precisamos de muito tempo e de compreender que aprender a ensinar é um processo de vida” (Arends, 2008, p. 28).

Esta foi uma experiência única de aplicar os conhecimentos adquiridos durante o percurso acadêmico.

Relativamente aos aspetos positivos é necessário mencionar o contato com o restante corpo docente e não docente, a participação ativa nas atividades extracurriculares, o envolvimento na gestão da turma, o contato direto com os pais, entre outro. Assim, não só os aspetos mais positivos possibilitam que faça uma avaliação positiva de toda a PES, como também os menos conseguidos contribuem para tal.

Pode parecer um paradoxo, mas não o é, de facto, só conhecendo as dificuldades e os aspetos negativos é que se adquirem ferramentas para os combater e estratégias para os vencer.

Desta forma, saí deste estágio mais fortalecido, em ferramentas e em estratégias, para encarar situações futuras que se possam proporcionar.

Acredito que pouco a pouco, se construiu em mim um ideário do sistema educativo bem mais diferente, do que aquele que possuía quando cá cheguei pela primeira vez. Um ideário muito mais ajustado à realidade educacional que me permite assumir atitudes e tecer observações mais coerentes com esta realidade.

Por tudo quanto aprendi e pelo que transmiti, pelas adversidades vencidas e pelas dificuldades superadas, ousou classificar de muito positivo este meu caminho no contexto de sala de aula do pré-escolar e do 1º CEB, na medida em que, foi fonte de enriquecimento do meu percurso académico, como também, uma experiência valiosa e ímpar, suscetível de condicionar uma escolha profissional futura.

O facto de termos atribuído um balanço positivo a este estágio, porém, tal resultado não nos permite omitir as necessidades por nós sentidas.

Quem tem necessidades pede sempre mais, mas quando a nossa necessidade se confina à obtenção de experiência e prática profissional que possa contribuir para o êxito das nossas carreiras profissionais, há justificação para que o façamos.

Assim, peço aos coordenadores deste curso que prolonguem por mais tempo, cada parte deste estágio, para que nós estagiários, passemos de um patamar de intuições para um mundo de certezas.

Pois foi também, um período intenso e de grande responsabilidade, com imenso trabalho e com o sentimento de dar mais a cada dia que passava, mas considero que este objetivo foi cumprido. Uma das partes mais complicadas, foram as planificações das sessões, pois não queria por nada baixar o nível das crianças, principalmente as crianças de cinco anos e a maior preocupação era que elas tivessem sessões motivadoras e exigentes, principalmente que fossem adequadas às suas necessidades.

Sempre estive muito preocupado, em organizar atividades que englobassem toda a escola.

Ao mesmo tempo, como os alunos do 1º CEB não tinham tido estagiários, nunca os abandonamos e as horas de recreio e almoço foram sempre preenchidas com jogos, trabalhos e colaboração com estes alunos.

Também estive muito apreensivo, em relação ao desempenho das crianças, queria que continuassem a ser crianças aplicadas e penso que consegui, pois, proporcionei-lhes atividades enriquecedoras, fornecendo materiais apelativos e construindo conhecimento duma forma motivadora.

É claro que isto foi só um passo na minha vida, mas acredito que me marcou completamente. Tive a ajuda incrível da educadora e da professora, “foram umas pessoas cinco estrelas connosco”, sempre atentas, sempre carinhosas e o que eu sempre lhes pedia, é que fossem sempre muito críticas comigo, mas foram quase sempre críticas construtivas e enriquecedoras, o que agradeço.

Tive a sorte de poder conviver este tempo com excelentes profissionais que me ensinaram muitas coisas.

No entanto, posso concluir que este é o primeiro passo de um longo caminho, mas como futuro profissional de ensino, devo ter bem presente que é nesta fase que contactámos diretamente com a realidade, de sermos nós os professores e que sentimos a responsabilidade nas nossas mãos por tudo aquilo que fazemos.

É neste momento que agimos, experimentamos e vivenciamos situações novas e que mostramos aos outros e a nós próprios que somos capazes de enfrentar desafios.

Tenho também noção, que esta minha tentativa nem sempre foi uma realidade possível.

Em termos de aprendizagens pessoais, este foi também um período muito enriquecedor. Venci medos ao enfrentar a turma sozinho, que no início pensava que iria ser uma tarefa mais complicada.

Houve muitos momentos de sacrifício e de desânimo, mas estes estágios só foram possíveis graças a um espírito de companheirismo e entre ajuda com a minha colega de estágio, juntos conseguimos superá-los pois a finalidade desta experiência valia muito mais.

Este percurso foi uma 'luta'. Apesar disso, faço um balanço muito positivo, no qual penso ter correspondido àquilo que se espera de um futuro educador e professor competente.

Penso que a minha contribuição para este estágio, foi conduzida sempre com responsabilidade que a prática implica, com capacidade reflexiva, com segurança e clareza em comunicar e em lecionar e, sobretudo, com empenho que dediquei a esta fase da minha formação. Todo este processo permitiu testar muitas das minhas capacidades.

Foram as minhas primeiras sessões nesta caminhada profissional, que espero sinceramente que seja duradoura. Espero ter conseguido adquirir muitos desses saberes pois serão uma mais-valia para o meu futuro enquanto profissional.

Assim, vejo nestes estágios, um princípio de uma longa caminhada que terei e irei fazer ao longo da minha vida profissional, no que respeita a área que quero seguir, a educação.

Termino esta reflexão com um sentimento de nostalgia. Guardarei no coração com saudade momentos de muita alegria. Estes estágios foram marcantes para mim: observei, trabalhei, arrisquei, vivi, chorei, ri, brinquei, fiz amizades, que espero, que durem para a vida toda.

Neste momento, ousa aqui dizer que estou muito indeciso se devo trabalhar no pré-escolar ou no 1º CEB. Ajudei a crescer, mas sobretudo, valeu muito a pena pelo que aprendi e preservarei pela minha vida futura. Sinto-me agora preparado para abraçar esta carreira com todas as minhas forças, assim que essa oportunidade se posicione, no meu horizonte profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrupamento de Escolas de Barroselas (2018). *Centro escolar de Mujães: Departamentos*. Acedido em 20 de junho de 2017 de <http://www.aeb.edu.pt>
- Alarcão, I., & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Pedago.
- Alves, M. P., Junger, W. L., Palma, A., Monteiro, W. D., & Resende, H. G., (2007). Motivos que justificam a adesão de adolescentes à prática de natação: qual o espaço ocupado pela saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 13(6), 421-426.
DOI: 10.1590/S1517-86922007000600013
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a Ensinar* (7ª Ed.). Madrid: Editora McGraw-Hill.
- Barros, N. (2010). *Violência nas escolas: Bullying*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Berleze, A., Vieira, L. F., & Krebs, R. J. (2002). Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. *Revista da Educação Física/UEM Maringá*, 13(1), 99-107. Acedido em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/download/3757/2581>
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto Editora.
- Brussoni, M., Olsen, L., Pike, J., & Sleet, D. (2012). Risky play and children's safety: Balancing Priorities for optimal Child development. *Int J Environ Res Public Health*. 2012 Sep; 9(9): 3134–3148. Publisher online 2012 Aug 30. DOI: 10.3390/ijerph9093134
- Caribe J., & Meira, P. (2004). *Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carneiro, R., & Machado, M. (eds.). (2000). *Educar hoje – enciclopédia dos pais* (vol. 1: Educar adolescentes). Lisboa: Lexicultura.
- Carvalho, M. I., Fonseca, S., Rodrigues, V., & Coelho, E. (2012). Alteração de Hábitos Alimentares e de Atividades de Tempo Livre na Transição do 1.º para o 2.º Ciclo do Ensino Básico. In I. Condessa, B. Pereira, & G. Carvalho (eds.), *Atividade Física, Saúde e Lazer: Educar e Formar* (pp. 33-43). Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Carvalho, G. S. (2009). Literacia Científica: Conceitos e dimensões. In F. Azevedo & M-G. Sardinha (coord.), *Modelos e práticas em literacia* (pp. 179-194). Lisboa: Lidel.
- Cohen, L., & Manion, L. (2010). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: Editorial La Muralla.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2011). *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Coutinho, C.P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

- Cuiça, P. (2009). *Portugal pé-ante-pé. Guia de percursos naturais*. Lisboa: Bertrand Editora; Fórum Ambiente.
- Darido, S. C., Galvão, Z., Ferreira, L. A., & Florin, G. (1999). *Educação física no ensino médio: reflexões e ações*. São Paulo: Motriz.
- Decreto-lei no 95/91 de 26 de Fevereiro do Regime Jurídico da Educação Física e do Desporto Escolar*. Publicado em Diário da República: I-A série, Nº 74 (2004).
- Diez, J. J. (1998). *Família – Escola, uma Relação Vital*. Porto: Porto Editora.
- Drummond, M., & Pill, S. (2011). The role of physical education in promoting sport participation in school and beyond. In S. Georgakis & K. Russell (Eds.), *Youth Sport in Australia* (p. 14). Sydney: University Press.
- Federação de Campismo e Montanhismo. (2001). *Percursos Pedestres – Normas para a Implementação e Marcação*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP). (2009). *Percursos Pedestres*. Acedido em <http://www.fcmpportugal.com/Percursos.aspx>
- Fonseca, L., Barbosa, G., Gonçalves, T., Barbosa, A., Peixoto, A., & Trabulo, F. (2015). *Educação Empreendedora: caminhos para a concretização de sonhos*. Viana do Castelo: Comunidade Intermunicipal do Alto Minho.
- Garcia, H. S., & Paulo, M. L. (1990). *Os irmãos: convivência, rivalidade e solidariedade na família*. Porto: Porto Editora.
- Garcia, V. G., & Juste, R. P. (2004). *La investigacion del professor en el aula*. Madrid: Escuela Española, S. A.
- Garii, B., & Silverman, F. (2009). Beyond the classroom walls: helping teachers recognize mathematics outside of the school. *Revista latinoamericana de investigación en matemática educativa*, 12(3), 333-354. Acedido em http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-24362009000300003&lng=es&tlng=en
- Hayden, L. N. (2012). *Leaving the classroom behind: increasing student motivation through outdoor education*. Acedido em <http://www.smcm.edu/educationstudies/pdf/rising-tide/volume-2/VOL2-article1.pdf>
- Hohmann, M., & Welkart, D. (2007). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- INE. (2011). *Censos 2011*. Acedido em 20 de junho de 2017 de <https://www.ine.pt>
- Instituto Português do Desporto e da Juventude. (2012). *Desporto de natureza*. Acedido em <http://www.idesporto.pt/conteudo.aspx?id=25&idMenu=4>

- Jorge, F., Paixão, F., Heitor, A., & Taborda, A. (2015). "O lobo, a ovelha e a couve"- do jogo em contexto não formal ao problema em sala de aula. In A.P. Canavarro, L. Santos, C.C. Nunes, & H. Jacinto (Orgs.), *XXVI Seminário de Investigação em Educação Matemática* (287-290). Lisboa: APM – Associação de Professores de Matemática. Acedido em http://www.apm.pt/files/XXVISIEM_Atas_prov_551361d576189.pdf
- Junta de freguesia de Mujães (2018). *Junta de freguesia: História*. Acedido em 20 de junho de 2017 de <http://jf-mujaes.com>
- Junta de Freguesia de Santa Marta do Portuzelo (2018). *Junta de freguesia: História*. Acedido em 10 de julho de 2018 de <http://www.santamartadeportuzelo.pt>
- Justino, P., & Paulino, J. (1996). *Educação Física na escola*. Lisboa: Texto Editora.
- Keegan, R., Harwood, G., Spray, M., & Lavalee, E. (2009). A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sport participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(3), 361-372. DOI: 10.1016/i.psychsport.2008.12.003
- Latorre, A., Del Rincon, D., & Arnal, J. (2006). *Bases metodológicas de la investigación educativa*. Barcelona: Hurtado Ediciones.
- Libâneo, J. C. (2007). *Didática*. S. Paulo: Cortez.
- Lynn, N., & Brown, R. (2002). Effects of recreational use impacts on hiking experiences in natural areas. *Landscape and Urban Planning*, 64(1-2), 77-87. DOI: 10.1016/S0169-2046(02)00202-5
- Louv, R. (2005). *Last child in the woods: saving our Children from nature-deficit disorder*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books of Chapel Hill.
- Magalhães, G. M. (2007). *Modelo de colaboração Jardim de Infância/Família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Matos, M., & Sampaio, D. (2009). *Jovens com saúde. Diálogo com uma geração*. Lisboa: Texto Editores.
- Ministério da Educação e Ciência (2016). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico*. Acedido em <https://www.dge.mec.pt>
- Neely, K., & Holt, N. (2014). Parent's perspectives on the benefits of sport participation for young children. *The Sport Psychologist*, 28, 255-268. DOI: 10.1123/tsp.2013-0094
- Paim, M. C., & Pereira, C. (2004). Educação Física, Fatores motivacionais dos adolescentes para a prática de capoeira na escola. *Motriz*, 10(3), 159-166. Acedido em www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/10n3/09CCP_hp.pdf
- Palfy, C., & Martin, J. (2008). Parental Influences on adolescent Girl's goal. Orientations, perceived competence, sport friendship quality, and enjoyment. *Journal for study of sports and athletes in education*, 2(1), 107-126.

- Peixoto, A. (2008). *A criança e o conhecimento do mundo: Atividades laboratoriais em ciências físicas*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Pickering, C., Hill, W., Newsome, D., & Leung, Y. (2010). Comparing hiking, mountain biking and horse riding impacts on vegetation and soils in Australia and the United States of America. *Journal of Environmental Management*, 91(3), 551-562. DOI: 10.1016/j.jenvman.2009.09.025
- Portaria n.º 1465/2004, de 17 de Dezembro de 2004. Diário da República n.º 294/2004, Série I-B de 2004-12-17. Acedido em <https://data.dre.pt/eli/port/1465/2004/12/17/p/dre/pt/html>
- Quilez, M. P. (2007). *Guía Práctica de la Iniciación a los Deportes en la Naturaleza*. Madrid: Editorial Gymnos.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reiner, M., Niermann, C., Jekauc, D., & Woll, A. (2013). Long-term health benefits of physical activity – a systematic review of longitudinal studies. *BMC Public Health*, 13(1), 813. DOI: 10.1186/1471-2458-13-813
- Rodrigues, A., & Kastenholz, E. (2007). Hiking as Recreational and Tourist Activity – Comparing Portuguese Hikers with those from other Nationalities. *Revista de turismo & Desenvolvimento*, 7, 83-91.
- Rocha, C. C. M., (2009). *A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da educação física escolar*. (Dissertação de mestrado). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Sandseter, E. (2010). Scaryfunny: A qualitative study of risky play among preschool children. (Tese de doutoramento não publicada). Norwegian University of Science and Technology, Trondheim.
- Shaffer, D. W., & Serlin, R. C. (2004). What good are statistics that don't generalize? *Educational Researcher*, 33(9), 14-25. Acedido em <https://pdfs.semanticscholar.org/003d/21ac594f133668c0ab34b5090fe81e302fda.pdf>
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré- escolar*. (M. d.-G. Educação, Ed.) Lisboa, Portugal.
- Stake, R. E. (2012). *A arte da investigação com estudos de caso* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tovar Z. & Carvalho, P., (2010). Pedestrianismo e Percursos Pedestres em Portugal: paisagens, património e desenvolvimento. In *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia* (pp. 1-11). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido em https://www.researchgate.net/profile/Paulo_Carvalho36/publication/312317729

- Vale, I. (2004). Algumas notas sobre a investigação qualitativa em educação matemática: O Estudo de caso. *Revista da ESE*, 5, 171–202.
- Vidal, J. M., & Madeira, M. N. (2001). *Percursos na Natureza: Perspetivas de um percurso pedagógico*. Lisboa: Gabinete Coordenador do Desporto Escolar.
- Yildirim, G., & Akamca, G., (2017). The effect of outdoor learning activities on the development of preschool Children. *South African Journal of Education*, 37(2), 1-10. DOI: 10.15700/saje.v37n2a1378
- Zeng N., Ayyub M., Sun H., Wen X., Xiang P., Gao Z. (2017). Effects of Physical activity on motor skills and cognitive development in early childhood: A systematic review. *BioMed Research International*, 2017, 1-13. DOI: 10.1155/2017/2760716

ANEXOS

**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS PAIS PARA A PARTICIPAÇÃO DOS EDUCANDOS NESTA
INVESTIGAÇÃO**

Exmo. (a) Sr. (a) Encarregado(a) de Educação

Sou aluno do Mestrado, em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. No âmbito da tese de mestrado, realizarei um estudo que tem como objetivo **“Analisar as perceções de crianças e pais em relação à motivação para a prática de atividades de exploração na natureza”**.

O estudo será desenvolvido durante o meu estágio no 1º ciclo, nas turmas deste Centro Escolar. Para o efeito, será necessária a participação do(a) seu (sua) educando(a) e sua. Assim sendo, venho solicitar-lhe autorização para que o(a) seu (sua) filho(a) participe no referido estudo. Em caso afirmativo, peço o favor de preencher o destacável deste documento. Saliento que todos os registos recolhidos serão confidenciais e utilizados exclusivamente como materiais de trabalho, estando garantida a confidencialidade e anonimato dos participantes.

Manifesto, ainda, a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que considere necessário ou através da professora cooperante. Na expectativa de uma resposta favorável.

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

O investigador (Estagiário), **Nuno Barreiros**.

Autorização

Eu, _____, **autorizo / não autorizo** (riscar o que não interessa) o meu educando _____ a participar no referido estudo.

Anexo 2 - Questionário

Questionário:

1. - Caracterização Socioprofissional:

1. a - Idade:

Aluno		Pai ou mãe		Outro familiar	
-------	--	------------	--	----------------	--

1. b - Sexo:

Masculino		Feminino	
-----------	--	----------	--

1.c - *Habilitações académicas* (Indique a designação do/s curso/s):

Habilitações académicas	Designação do/s curso/s	
1.º Ciclo (até ao 4.º ano)		
2.º Ciclo (até ao 6.º ano)		
3.º Ciclo (até ao 9.º ano)		
Secundário (até ao 12.º Ano)		
Bacharelato		
Licenciatura		
Especialização		
Mestrado		
Doutoramento		
Outra		

1.d - *Agregado Familiar*:

3 Pessoas		4 Pessoas		5 Pessoas		6 ou + Pessoas	
-----------	--	-----------	--	-----------	--	----------------	--

1.e - *Número de Alunos da turma*:

1.º ano		2.º ano		3.º ano		4.º ano	
---------	--	---------	--	---------	--	---------	--

1.f - *Tem formação na área dos Percursos/Trilhos Pedestres com Orientação*:

Sim		Não	
-----	--	-----	--

Qual? _____

2. - Atitudes face à noção e prática de Percursos ou Trilhos Pedestres:

2.a - O que entende por percursos ou trilhos pedestres?

2.b - Considera importante a prática deste tipo de atividade?

Sim		Não		Em parte	
-----	--	-----	--	----------	--

Justifique a sua resposta.

2.c - Costuma fazer Percursos ou Trilhos Pedestres?

Sim		Não		Às vezes	
-----	--	-----	--	----------	--

2.c.1 - Se respondeu “Sim” ou “Às vezes” à questão anterior, com que frequência costuma fazer esta atividade:

a) Todos os dias	
b) Algumas vezes por semana	
c) 1 vez por mês	
d) 3 a 6 vezes por ano	
e) Outra frequência.	Qual?

2.c.2 - Se respondeu “Não” à questão anterior, diga porquê?

2.d - Enumere por ordem de preferência algumas razões ou motivos que (o) ou (a) levam à prática desta atividade. (ordene pela ordem de importância, atribuindo 1 à mais importante e 8 à menos importante).

Adquirir mais conhecimentos, descobrir e desfrutar do património natural e cultural	
Melhorar a qualidade de vida, bem-estar físico e psicológico	
Contactar de perto com a natureza, relaxando o corpo e a mente para aliviar o Stress	
Alertar para a preservação e respeitar o meio ambiente	
Conviver, trabalhar o espírito de ajuda, companheirismo e lazer no contacto	
Praticar exercício físico aliado à natureza	
Procurar uma novidade diferente	
Outros:	

2.e – Quais são as vantagens que se podem encontrar na realização dos percursos ou trilhos pedestres.

2.f – Quais são as desvantagens que podem estar ligadas aos percursos ou trilhos pedestres.

3. - Para a realização de Percursos ou Trilhos pedestres, existem regras ou normas de ética e conduta, que deverão ser seguidas pelos pedestrianistas.

Considere as seguintes regras possíveis e indique a importância que lhes atribui em termos ideais de acordo com a coluna 1. Coluna 1- Escala de Importância:

MI – Muito Importante; **I** - Importante; **NI** - Nada Importante; **SO** - Sem Opinião definida.

Regras	Escala de Importância			
	MI	I	NI	SO
Ter cuidado com as plantas e animais encontrados				
Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local				
Observar os animais à distância, preferencialmente com				
Não danificar as plantas				
Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço				
Não fechar portões, cancelas e não danificar muros				
Respeitar a propriedade privada				
Ter cuidado com o lume				
Não colher amostras de plantas ou rochas				
Ser simpático e acolhedor com os habitantes locais				

4 – Comentário livre do Inquirido:

Se deseja acrescentar algum comentário, sobre a motivação na prática de percursos ou trilhos pedestres, use o espaço que se segue:

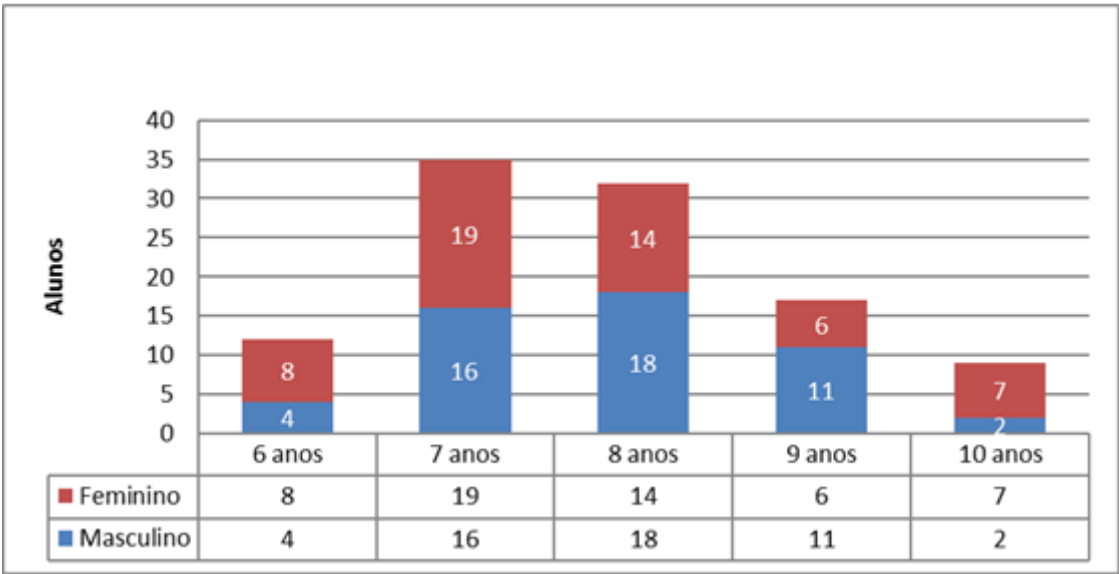
--

**Destinado aos alunos e familiares, do 1º CEB,
De uma Escola do Concelho de Viana do Castelo**

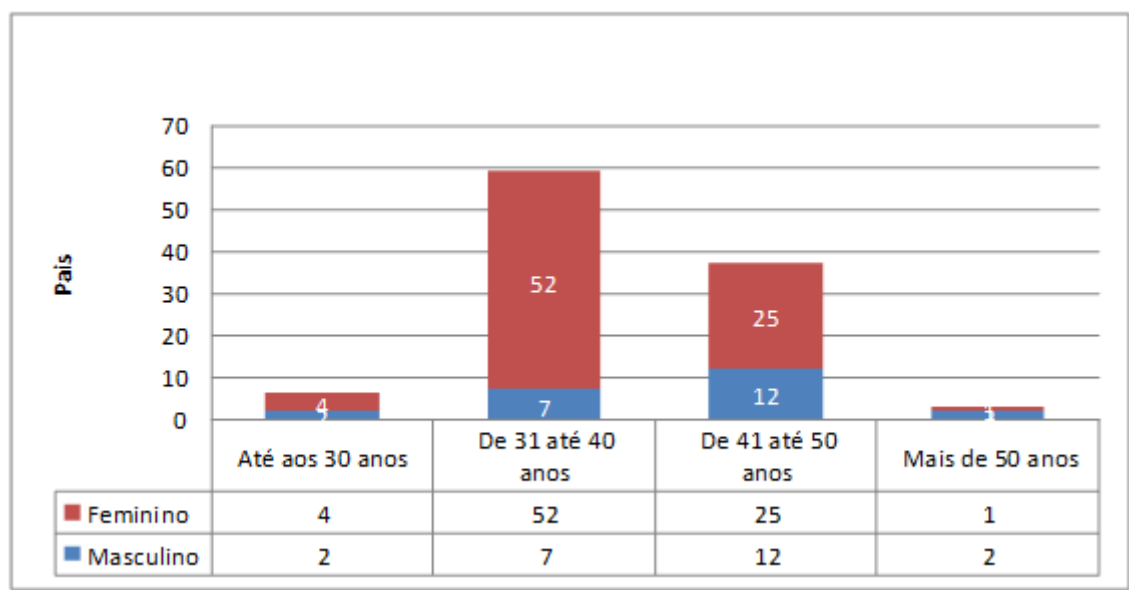
Este questionário integra-se num estudo de investigação, realizado no âmbito do Mestrado em pré-escolar e 1º CEB. Visa recolher opiniões dos alunos e familiares de uma escola do 1º Ciclo do Centro Escolar, do Concelho de Viana do Castelo, acerca da prática de percursos ou trilhos pedestres. Os dados são confidenciais e as conclusões serão posteriormente apresentadas aos inquiridos.

**Obrigado pela colaboração,
Professor Estagiário
Nuno Barreiros**

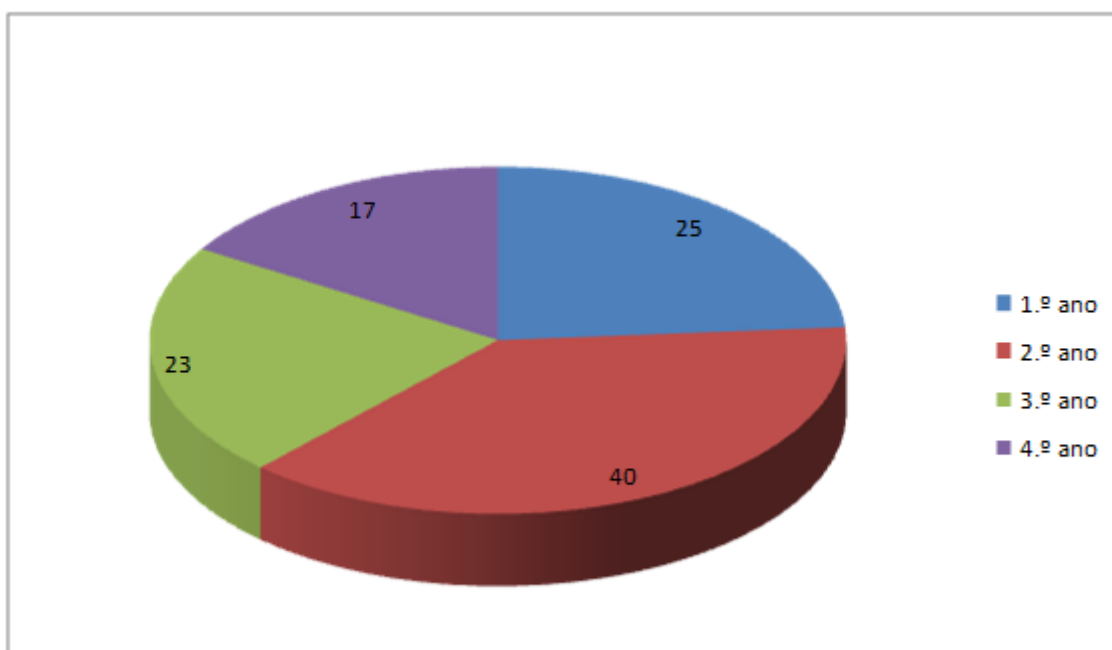
Anexo 3 - Idades e Sexo dos participantes (alunos)



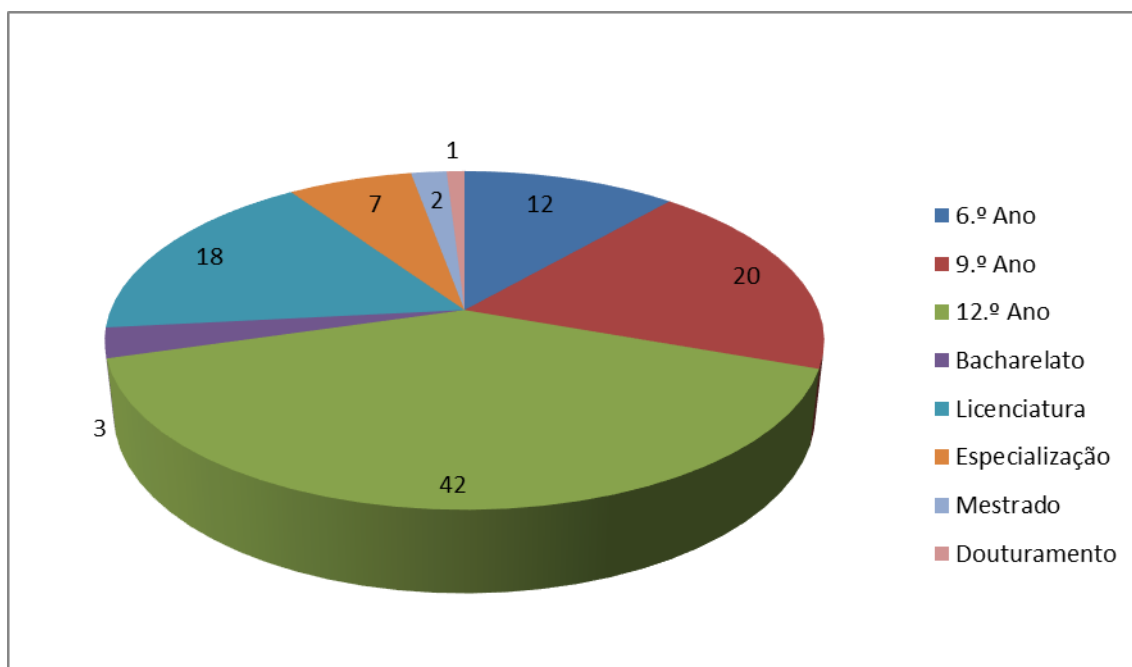
Anexo 4 - Idades e Sexo dos participantes (pais)



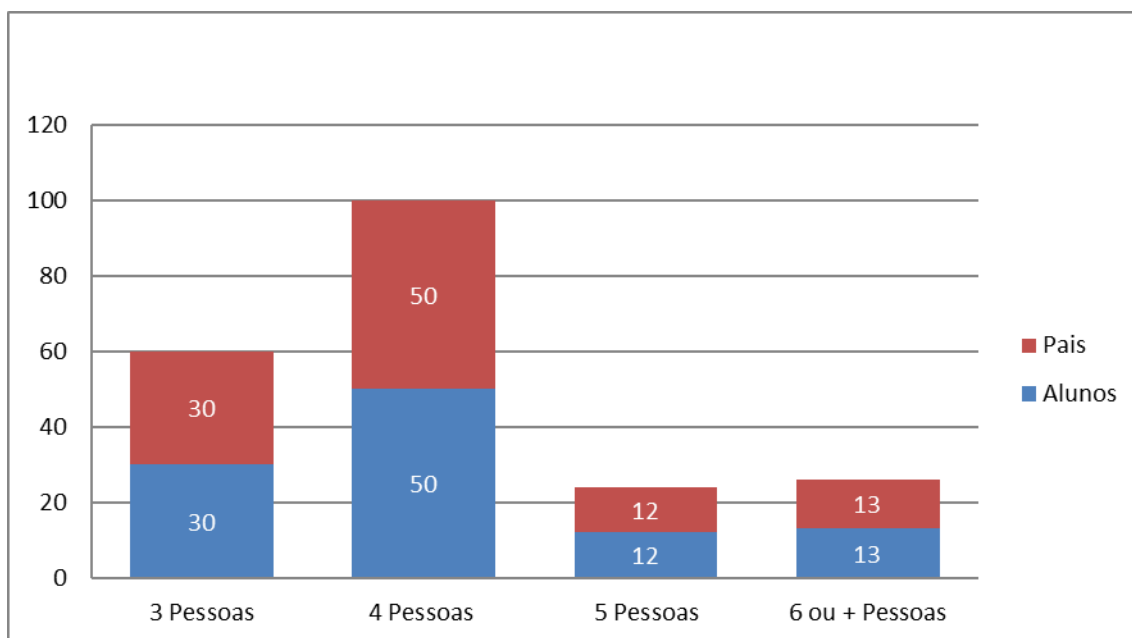
Anexo 5 - Habilitações Literárias dos participantes (alunos)



Anexo 6 - Habilitações Literárias dos participantes (pais)



Anexo 7 - Agregado Familiar dos participantes (alunos e pais)



Anexo 8 - Formação em percursos Pedestres, dos participantes (alunos e pais)

